PERPIN
Promoção, Desenvolvimento e Construção
TRANSFORMAMOS TERRENOS EM OPORTUNIDADES.
Do terreno à construção, desenvolvemos projetos com visão, estratégia e rigor. Criamos valor para o futuro.

SOLUÇÕES INTEGRADAS, RESULTADOS SÓLIDOS.
PROMOÇÃO E INVESTIMENTO · DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS · CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO · GESTÃO E COMERCIALIZAÇÃO
PENSAR • PROJETAR • CONSTRUIR • VALORIZAR
934 381 085 Compra, venda, investimento
939 096 464 Direção de obras, construção, remodelações
www.perpin.pt • geral@perpin.pt

SOCIESCAPES
IMPORTAÇÃO E COMERCIO DE ESCAPES
ESCAPES • ENGATES DE REBOQUE E CATALIZADORES
Rua António Sérgio, Arm. n.º 1
Zona Ind. Pedrulha
3025-041 Coimbra - Tlf. 239 492 015
sociescapes@net.sapo.pt

Campeão das Províncias
DIRECTOR LINO VINHAL
www.campeaoprovincias.pt
PREÇO 1€ | 2ª SÉRIE | ANO 25 | EDIÇÃO N.º 1319 | 27 DE AGOSTO DE 2026 | SEMANÁRIO À QUINTA-FEIRA
Telef. 239 497 750 | E-MAIL: campeaojornal@gmail.com

FREGUESIA DE CORDINHÃ
O Executivo da Freguesia congratula os B.V. Cantanhede pelo seu 124.º Aniversário e pelo serviço prestado à população.
CORDINHÃ... ONDE A ESSÊNCIA SE BEBE!
Rua Prof. Joaquim Pires Santos, 17
3060-260 Cordinhã
E-mail: freguesiacordinha@sapo.pt

SEMANÁRIO NO PAPEL (QUINTAS-FEIRAS)... DIÁRIO ONLINE (WWW.CAMPEAOPROVINCIAS.PT)... VESPERTINO DIGITAL (DE SEGUNDA A SEXTA) | AUDIÊNCIA QUALIFICADA

METROBUS REVOLUCIONA CIRCULAÇÃO NA BAIXA DE COIMBRA

A partir de meados de Setembro, a entrada em funcionamento do Metrobus pela Via Central (ligação até à Praça da República) vai alterar radicalmente a forma como se vive e circula na Baixa de Coimbra. Com a Rua da Sofia reservada a transportes públicos e acessos condicionados, mais de duas dezenas de linhas dos SMTUC sofrem alterações e criam-se novas rotas de atravessamento. A Câmara aposta numa rede integrada com o passe MOVE-C (combina autocarros e Metrobus), num teste decisivo à capacidade de modernizar a cidade sem perder a sua identidade histórica. Na reunião de Câmara de segunda-feira, a mudança de várias linhas dos Transportes Urbanos de Coimbra e alterações de circulação automóvel na Baixa foram aprovadas, mas com os votos contra da oposição, que critica a falta de participação no processo e antevê "o caos" no trânsito. PÁGINAS 2 E 3

Universidade de Coimbra em transformação

A Universidade de Coimbra entra no novo ano lectivo com 3.864 colocados, o maior número de sempre, e 98,4% das vagas preenchidas. A estreia de Engenharia Aeroespacial, novas regras para o uso de inteligência artificial, o reforço do alojamento, a integração da Escola Superior de Enfermagem, a chegada prevista do Metrobus e a sucessão na Reitoria marcam um regresso às aulas com mudanças em várias frentes. PÁGINA 15

Feira do Ano de Montemor celebra 600 anos

A Feira do Ano regressa a Montemor-o-Velho com uma edição marcada pela celebração de seis séculos de história e integrando as Festas Concelhias que decorrem durante 11 dias (de 29 de Agosto a 8 de Setembro). O certame volta a reunir tradição, cultura, associativismo, actividade económica e entretenimento, num programa pensado para diferentes gerações e com entrada livre. PÁGINAS 11 A 14



Diana Andrade, José Veríssimo (presidente) e Vasco Martins apresentaram as Festas Concelhias

ENTREVISTA



Manuel Castelo Branco

Presidente do Instituto Superior Miguel Torga

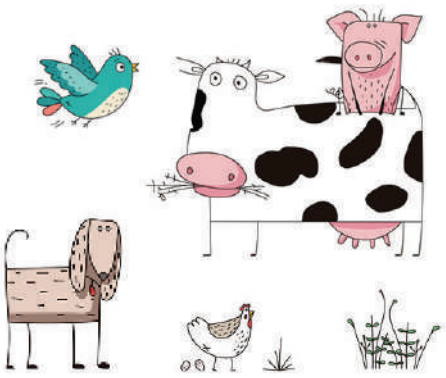
PÁGINA 7

Farmacêuticos prontos para aliviar a pressão no SNS

Perante a escassez de médicos e o envelhecimento da população, Lúcia Santos, presidente da Secção Regional da Ordem dos Farmacêuticos, defende em Entrevista à Rádio Regional do Centro um maior aproveitamento destes profissionais em situações clínicas ligeiras, para libertar os cuidados primários e hospitalares. PÁGINA 24

Ana Abrunhosa do outro lado da pergunta

Depois da universidade, dos fundos europeus e do Governo, a professora doutora Ana Abrunhosa chegou à Câmara de Coimbra, onde as escolhas políticas se confrontam, todos os dias, com as suas consequências na vida das pessoas. PÁGINA 5

ALVA VET
CLÍNICA VETERINÁRIA
• Consultas • Vacinação
• Cirurgia • Serviço ao domicílio
• Exames complementares
• Banhos • Tosquias

Rua Professor José Augusto Martins Rangel, 41
3250 - 186 Alvaiázere
T. 236 651 063
Horário: das 10h às 18h de 2ª a 6ª, ao sábado das 10h às 13h

COIMBRAGESTE
Gestão, Contabilidade e Fiscalidade Lda
É fácil crescer com confiança

Telf./Fax 239 834 167
www.coimbrageste.pt
geral@coimbrageste.pt

PUBLICIDADE
MARSILOP
Sociedade de Empreitadas, SA
72 anos de experiência, justificam a solidez no futuro
Rua da Bela Vista, 31 - 3780-221 Anadia - Tel.: 231 510 710 - marsilop@marsilop.pt


A presidente da Câmara de Coimbra anunciou que a CP também vai aderir à intermodalidade a 1 de Outubro, data em que já estava prevista a adesão dos transportes intermunicipais, operados pela Busway. Ana Abrunhosa afirmou em reunião do executivo de segunda-feira que a CP - Comboios de Portugal irá também integrar o bilhete intermodal da região de Coimbra, juntando-se aos SMTUC e Metro Mondego.

BAIXA PREPARA-SE PARA UMA NOVA FORMA

JOANA ALVIM



O início da circulação do Metrobus pela Via Central permite encerrar ao trânsito automóvel a Rua da Sofia

Coimbra cresceu ao longo dos séculos sem alguma vez deixar para trás o seu centro. A Baixa continua a ser lugar de comércio, encontro e memória, mas também um dos principais corredores de passagem da cidade. A chegada do Metrobus à Praça da República e à estação de Coimbra-B promete alterar este equilíbrio e abrir caminho a uma nova relação entre os transportes públicos, os automóveis e as pessoas. A transformação deverá tornar-se visível a partir de 10 de Setembro, embora a data dependa dos testes e do calendário operacional do Sistema de Mobilidade do Mondego.

Não se trata apenas de acrescentar um novo meio de transporte. A entrada do Metrobus no troço central obriga a redesenhar percursos, mudar paragens e repensar algumas das ruas mais movimentadas. O objectivo é reduzir o trânsito de atravessamento, dar prioridade ao transporte público e melhorar as condições para quem circula a pé, sem impedir o acesso de quem vive, trabalha ou mantém uma actividade na Baixa.

Rua da Sofia deixa de receber o trânsito geral

No centro desta reorganização está a Rua da Sofia. Um dos eixos históricos mais importantes de Coimbra deixará de estar aberto à circulação automóvel geral e passará a funcionar como corredor prioritário de transporte público.

A decisão não surge apenas com a chegada do Metrobus. A função prioritária da Rua da Sofia para os transportes públicos estava já prevista na Declaração de Impacte Ambiental do projecto, aprovada em 2011. Os estudos realizados identificaram também este eixo como uma das principais vias de atravessamento da Baixa por automobilistas com destino a outras zonas.

Esses movimentos serão encaminhados para percursos alternativos. A intenção é diminuir a pressão automóvel, facilitar a circulação dos autocarros e criar melhores condições para os peões. A redução do tráfego poderá ainda permitir uma utilização mais cuidada do espaço público, valorizando uma rua que faz parte da identidade histórica de Coimbra.

A mudança não significa, contudo, fechar a Rua da Sofia. Os transportes públicos continuarão a circular e serão salvaguardados os acessos necessários a residentes autorizados, cargas e descargas, serviços essenciais e outros veículos devidamente autorizados.

Moradores e comerciantes continuarão a entrar

Uma das principais dúvidas prende-se com o acesso às habitações, estabelecimentos comerciais e equipamentos existentes. A restrição ao trânsito automóvel geral não impedirá moradores, comerciantes ou serviços de entrar na zona.

A nova organização prevê um regime de acesso condicionado, conciliando a prioridade atribuída aos transportes públicos com as necessidades quotidianas de quem vive e trabalha na Baixa. A Rua Pedro Olaio deverá funcionar como principal entrada controlada. A partir desse ponto será permitido, em condições a definir, o acesso de residentes autorizados, veículos de cargas e descargas, serviços essenciais e outros casos abrangidos.

Estão também previstos regimes próprios para chegar ao Mercado Municipal D. Pedro V, à PSP, à Escola Secundária Jaime Cortesão e a outras instalações da área. Os horários destinados a cargas e descargas serão definidos de forma a evitar conflitos com os períodos de maior circulação dos transportes públicos.

As mudanças serão acompanhadas por sinalização própria e por mecanismos de controlo e fiscalização. Pretende-se impedir que as excepções destinadas às necessidades locais acabem por manter a Baixa como corredor de passagem.

Via Central ganha um novo papel

A Avenida D. Sesnando Davides, conhecida como Via Central, será outra das peças fundamentais do novo desenho. É por este eixo que o Metrobus chegará à Praça da República, reforçando a ligação entre a Baixa, a zona universitária e os restantes pontos abrangidos pelo Sistema de Mobilidade do Mondego.

A avenida ficará reservada prioritariamente aos transportes públicos e aos acessos autorizados. Esta limitação procura evitar que se transforme numa alternativa para os automóveis retirados da Rua da Sofia.

No sentido Praça da República–Avenida Fernão de Magalhães, os autocarros dos SMTUC continuarão a utilizar a Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes e a Rua da Sofia. No sentido contrário, passarão pela Avenida D. Sesnando Davides e pela Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes.

Nesta última rua, o sentido descendente será partilhado pelos SMTUC e pelo Metrobus. As actuais paragens situadas junto ao Jardim da Manga serão transferidas para o início da Rua da Sofia. No sentido ascendente, haverá circulação separada para os transportes públicos e para os restantes veículos autorizados.

Rua de Saragoça passa a sentido único

A reorganização chegará igualmente à Rua de Saragoça. O troço entre a Rua de Montarroio e a Rua Guerra Junqueiro passará a ter apenas sentido descendente.

A mudança procura responder às dificuldades existentes numa rua estreita, onde a circulação em dois sentidos deixa pouco espaço para os peões e não garante as melhores condições de acessibilidade. Ao reduzir a área ocupada pelos automóveis, será possível aumentar a segurança e preparar uma futura qualificação do espaço público.

O percurso ascendente será feito pela Avenida Sá da Bandeira, Praça da República, Rua Tenente Valadim e Rua Guerra Junqueiro. Apesar da alteração, serão mantidos os acessos ao Mercado Municipal e à restante zona envolvente.

Mais de duas dezenas de linhas serão alteradas

As novas regras de circulação obrigam a adaptar os percursos dos SMTUC que actualmente passam pela Rua da Sofia, Rua João de Ruão, Rua Simões de Castro e arruamentos próximos.

A proposta abrange as linhas 4, 5, 5T, 6, 6F, 11, 16G, 19, 19A, 19T, 19R, 24, 25, 25T, 27, 27F, 28, 28F, 29, 30, 30A, 30T, 30F, 36F, 42V e 103. Na maioria dos casos, as mudanças decorrem dos novos sentidos de trânsito e das restrições previstas para a Baixa.

Apesar do número de carreiras envolvidas, em muitas linhas os desvios não deverão provocar alterações significativas nos tempos globais de viagem, permitindo manter os horários actuais.

Para assegurar a cobertura das zonas servidas pelos novos itinerários, serão criadas paragens na Avenida D. Sesnando Davides, junto à Loja do Cidadão, e nas ruas Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Ainda assim, os passageiros deverão confirmar antecipadamente o percurso e o local da sua paragem.

Linhas 4, 7, 10 e 103 são reorganizadas

Além dos ajustes impostos pela circulação, a expansão do Metrobus permitirá reorganizar algumas linhas de forma mais profunda. O princípio passa por evitar que autocarros e Metrobus repitam os mesmos trajectos e utilizar a rede dos SMTUC para assegurar outras ligações.

A Linha 4 ficará concentrada entre a Praça da República e Santo António dos Olivais. Quem pretenda seguir para a Baixa ou para outro destino abrangido pelo Metrobus poderá mudar de transporte na Praça da República. Ao retirar a linha das zonas mais congestionadas, os SMTUC esperam melhorar a regularidade do serviço.

A Linha 103 estabelecerá uma ligação mais directa entre a Universidade e Santo António dos Olivais. As deslocações entre a Praça da República, a Baixa e os restantes pontos da rede serão asseguradas em articulação com o Metrobus.

A Linha 7 passará a ligar a Praça da República ao Estádio, através de Tovim, e deixará de funcionar em circuito. A actual Linha 7T será integrada na nova Linha 7, que circulará nos dois sentidos. Na Praça da República e no Estádio, os passageiros poderão continuar viagem no Metrobus.

Já a Linha 10 fará a ligação entre a Praça da República e o Hospital Sobral Cid através de um percurso mais directo, evitando zonas de maior congestionamento, como a Rua do Brasil. A Linha 10A manterá o funcionamento actual durante a noite.

As linhas 25, 25T, 30, 30A, 30F e 30T passarão a terminar na Rua João de Ruão. Embora deixem de prosseguir para outras áreas da Baixa, continuarão a chegar ao centro, onde os passageiros poderão utilizar outras linhas ou o Metrobus.

Algumas viagens poderão exigir transbordo

A nova rede assenta numa maior complementaridade entre os diferentes meios de transporte. Isso significa que algumas deslocações ac-

Há quatro linhas dos SMTUC que passam a terminar na Praça da República, onde é assegurada ligação com o Metrobus, Já no caso de linhas que terminam no Arnado, a ligação com a Metro Mondego faz-se num percurso a pé de cinco minutos até à estação junto à Câmara de Coimbra, através da Rua da Sofia. Na Solum e Estádio, um transbordo pode implicar um percurso a pé de três minutos.

DE VIVER COIMBRA

tualmente feitas num único autocarro poderão obrigar a mudar de veículo.

A autarquia sustenta que esta alteração permitirá criar percursos mais simples e previsíveis, evitando a duplicação de serviços nos corredores servidos pelo Metrobus. Em vez de várias carreiras percorrerem os mesmos eixos, os SMTUC poderão concentrar-se nas ligações aos bairros e às zonas sem acesso directo ao novo sistema.

Para evitar a compra de diferentes títulos, está disponível desde o início de 2026 o MOVE-C, que permite utilizar os SMTUC e o Sistema de Mobilidade do Mondego com o mesmo passe.

Estas alterações antecipam alguns dos princípios da futura reorganização global da rede municipal de transportes, que deverá avançar depois da entrada em funcionamento da totalidade das linhas do Metrobus.

Informação será divulgada antes das mudanças

Alterar hábitos construídos ao longo de décadas não se faz apenas com novos sinais de trânsito. O Município, os SMTUC e a Metro Mondego estão a preparar uma campanha para explicar os percursos, as paragens, os acessos condicionados e as alternativas disponíveis.

A informação será divulgada progressivamente e incluirá materiais gráficos dirigidos a quem circula de automóvel, com indicação dos novos sentidos de trânsito, das áreas condicionadas, das entradas autorizadas e dos percursos alternativos.

Está prevista a distribuição de informação em escolas, instituições de ensino superior, grandes entidades empregadoras e locais que geram diariamente muitas deslocações, como unidades de saúde e centros comerciais.

Os utilizadores poderão consultar no Google Maps as linhas, os percursos e os horários dos SMTUC, acompanhar a circulação dos autocarros em tempo real e saber quanto falta para chegarem à paragem. A aplicação dos SMTUC permitirá igualmente planear viagens e consultar horários para diferentes dias.

A Baixa não é apenas uma parte do mapa de Coimbra. É um lugar vivido, atravessado por gerações e marcado por uma história que exige cuidado. A chegada do Metrobus oferece a oportunidade de reduzir o peso dos automóveis e devolver espaço às pessoas, sem afastar quem mantém o centro vivo todos os dias. Será uma transformação profunda, mas o verdadeiro sucesso medir-se-á pela capacidade de modernizar a cidade sem lhe retirar a alma.



No sentido Praça da República - Avenida Fernão de Magalhães, os autocarros dos SMTUC continuarão a utilizar a Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes e a Rua da Sofia. No sentido contrário passarão pela Avenida D. Sesnando Davides e pela Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes

CMC DÁ JUSTIFICAÇÃO TÉCNICA SOBRE TAXAS URBANÍSTICAS E CONTORNA A CONTROVÉRSIA

R.A.

A revisão pela Câmara de Coimbra do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação (RMUE) assenta num controverso ajuste directo, mas sobre isso a autarquia é parca em justificações.

Uma aquisição de serviços por 16 500 euros, acabada de revelar pelo diário As Beiras, envolve uma empresa, criada em Julho, pertencente ao outrora chefe do gabinete da anterior ministra da Habitação, Marina Gonçalves (PS).

Instada a prestar esclarecimentos, a autarquia considerou que "não seria responsável (...) submeter a aprovação a proposta de RMUE elaborada no anterior mandato sem proceder à sua revisão e actualização".

A avaliar pelo esclarecimento solicitado, tal proposta constitui uma "base de trabalho relevante, mas não correspondia, em determinadas matérias estruturantes, às orientações do actual executivo camarário", nem reflecte recentes alterações legislativas.

Segundo a CMC, "a opção tomada não significa reiniciar o trabalho nem desvalorizar o documento anteriormente produzido; pretende aproveitar o que se mantém válido, corrigir o que não corresponde às orientações actuais, incorporar o novo enquadramento legislativo e dotar Coimbra de um regulamento mais simples e alinhado com as prioridades municipais".

Parcialmente omissa em relação a considerações tecidas pelo jornalista na interpelação feita, a resposta camarária alega que "a contratação de apoio técnico externo permite acelerar e consolidar o processo, sem substituir a intervenção indispensável dos serviços municipais".

De acordo com informação camarária, foram identificadas diferenças de orientação em temas como a mobilidade e o estacionamento, avultando "a necessidade de reavaliar algumas das novas taxas previstas".

> **Fontes da autarquia disseram ao "Campeão" que o projecto de revisão do RMUE proveniente do mandato anterior foi elaborado com "a prata da casa".**

Neste domínio, prossegue o esclarecimento, pretende-se também simplificar as fórmulas propostas, tornando a sua aplicação mais clara para os serviços municipais e munícipes, e rever os respectivos valores e a sua incidência sobre determinadas operações urbanísticas.

Segundo a CMC, o objectivo consiste em "assegurar um sistema equilibrado e transparente, que reforce a competitividade de Coimbra e a sua capacidade para atrair pessoas e investimento".

Empresa constituída apenas um mês antes

Sem pôr em causa a competência de António Gil Leitão, o autor da interpelação à Câmara faz notar que a empresa do jurista foi constituída um mês antes de ter sido contratada.

A presidente da autarquia, Ana Abrunhosa, foi ministra de um Governo que também teve como membro Marina Gonçalves, cujo gabinete foi chefiado por António Gil Leitão.

"A experiência do jurista (...) constitui uma mais-valia particularmente relevante", acentua o esclarecimento prestado pela Câmara Municipal de Coimbra.

Fontes da autarquia disseram ao "Campeão" que o projecto de revisão do RMUE proveniente do mandato anterior foi elaborado com "a prata da casa".

Três engenheiros auscultados pelo nosso Jornal, um deles funcionário da CMC, consideram desnecessário recorrer a uma prestação de serviços para proceder à alteração do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação.

PUBLICIDADE



A Câmara de Coimbra está a preparar um processo de concessão para empresas de trotinetes no concelho e um regulamento de suporte, considerando que é preciso regular o uso deste meio de transporte. Na concessão a ser lançada "as empresas deixam de estar gratuitamente na cidade [...] e o que passarem a pagar irá ser investido em infra-estruturas de apoio, nomeadamente parqueamento".

ASCENSOR

A SUBIR

RUI SANTOS – O fotógrafo de Leiria foi distinguido pela NASA por uma fotografia que tirou do eclipse solar total. A imagem foi captada em Benavente, Espanha, e foi escolhida pela agência espacial para fotografia astronómica do dia, na passada segunda-feira (17). O astrofotógrafo conseguiu registar o exacto momento em que a Lua tapa o Sol por completo, durante o eclipse que aconteceu a 12 de Agosto. Rui Santos esteve dois anos a preparar-se para esse acontecimento, longe de imaginar que iria conseguir levar uma fotografia portuguesa até à NASA, colhendo mérito por esse feito. Esta foi intitulada pela agência espacial norte-americana como "A Golden Corona Eclipse" ("um Eclipse de Coroa Dourada"), sendo que o autor reconhece que "talvez seja a fotografia mais importante que já fiz". Este não é o primeiro prémio do percurso de Rui Santos, - conhecido como "Living Impressions". Ao longo dos últimos anos, o português tem visto vários trabalhos seus serem publicados em revistas de astronomia e fotografia especializada, em diferentes países. Tudo isto com pouco mais de seis anos de dedicação a esta área. É de louvar.

LUÍS TEIXEIRA – No sector da saúde, onde o rigor técnico se cruza diariamente com a responsabilidade humana, atingir a excelência exige mais do que vanguarda médica: exige alicerces institucionais e financeiros inabaláveis. É precisamente nessa intersecção entre o saber clínico e uma gestão exemplar que o Spine Center - Cirurgia da Coluna, sob a liderança do Dr. Luís Teixeira, se consolida como uma referência nacional, distinguido ao integrar o restrito grupo dos 5% das PME com maior solidez financeira em Portugal. Para o Dr. Luís Teixeira, o progresso da medicina moderna e a segurança dos doentes estão intrinsecamente ligados à sustentabilidade do projecto institucional. A visão que norteia o Spine Center assenta na premissa de que a verdadeira inovação tecnológica e os cuidados de saúde de elevada complexidade carecem de estabilidade, rigor ético e planeamento rigoroso. "Compreendemos, desde a nossa fundação, que a excelência dos cuidados e a vanguarda tecnológica carecem de alicerces firmes", assinala Luís Teixeira. "Não há inovação médica ou progresso científico sem a sustentabilidade que os financie, nem existem resultados clínicos de excelência sem a chama da ambição. Cuidar com qualidade exige recursos, planeamento e estabilidade", considera. A atribuição desta distinção ao Spine Center reforça não apenas a saúde financeira da instituição, mas também a confiança depositada diariamente por doentes, profissionais e parceiros. Numa área em que cada decisão impacta directamente a qualidade de vida das pessoas, este prémio é encarado não como um ponto final, mas como um estímulo para continuar a erguer o futuro dos cuidados da coluna vertebral em Portugal. Mais do que um troféu, esta conquista simboliza uma promessa contínua: manter os pés bem assentes na terra para continuar a inovar, a investir nas melhores equipas e tecnologias e, acima de tudo, a transformar e melhorar a vida de cada paciente.

A DESCER

TRUMP É UM LOUCO

O mundo, atolado em tanto dinheiro que nem todos sabem de onde vem, hesita entre em envolver-se numa guerra de grandes dimensões ou entreter-se em matar milhares e milhões aos poucochinhos. O clássico era calçar as botas cardadas e percorrer os espaços de guerra de trincheira em trincheira, pejando o chão de jovens que morriam sem saber porquê as mais das vezes. Hoje é diferente. Atira e foge. Deixam-se os mísseis activados ao pôr do sol para que pela calada da noite eles vão à sua vida, matando e destruindo como se fosse a coisa mais natural da vida. Hoje morre-se no mundo aos milhões, quase perante a indiferença de outros tantos. É certo que a segunda Grande Guerra alcatroou estradas com carne humana (para cima de 60 milhões de pessoas) mas hoje os números são bem superiores, com os cadáveres a ser parcialmente recuperados entre os destroços que pouco parecem comover cada vez mais o mundo que olha mais para as montras da vaidade que para o sofrimento alheio. As cruzadas modernas, com povos famintos à procura do pão, alimentam os comentários dos meios de comunicação que pouco ou nada mais conseguem fazer que registar a indiferença de quem mastiga, sentado à mesa da Indiferença. Este mundo, esta forma de o olhar, não presta, como não presta também quem o alimenta. De entre estes muitos, Trump capitaneia uma plêiade de serventuários, novos ricos, que exibem perante o mundo os seus fatos de fazenda tingida a sangue e falsamente cerzida. Nível intelectual, humano, cultural, Trump naõ tem nenhum e por isso despedaça o mundo às postas. Trump não é um político, rico que seja, bem sucedido nos negócios que também é. Mas passará para a história como um dos mais loucos governantes do Mundo.

FIGURA DA SEMANA



Ana Marta Gonçalves é a primeira investigadora da Universidade de Coimbra a integrar o grupo de 1% dos cientistas mais citados do mundo

ANA MARTA GONÇALVES – A bióloga, docente do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Ecologia Funcional é a primeira cientista da UC a integrar o grupo de 1% dos investigadores mais citados do mundo. A distinção atribuída pela Clarivate coloca-a entre os nomes cuja produção científica mais influencia o conhecimento desenvolvido à escala internacional. Não se trata apenas de publicar muito. Ser citado significa que o trabalho foi lido, reconhecido e utilizado por outros investigadores para abrir novas linhas de estudo. Chegar a este grupo tão restrito é, por isso, uma prova rara da relevância alcançada por uma carreira científica. O percurso de Ana Marta Gonçalves está profundamente ligado à Universidade de Coimbra, onde ingressou, em 1999, na licenciatura em Biologia. Foi também na UC que prosseguiu os estudos, do mestrado ao doutoramento, este último realizado em colaboração com a Universidade de Ghent, na Bélgica. Seguiu-se o pós-doutoramento e um caminho construído entre o ensino, a investigação e a participação em projectos e redes científicas nacionais e internacionais. A sua principal área de trabalho é a biotecnologia marinha e a valorização sustentável dos recursos do mar. Entre outros temas, estuda o potencial das macroalgas na criação de produtos com aplicação em diferentes sectores, procurando conciliar inovação, sustentabilidade e economia circular. Investiga ainda os efeitos da poluição e de outras pressões ambientais sobre os organismos aquáticos, num esforço para perceber melhor o que está a acontecer aos ecossistemas e encontrar respostas que ajudem a protegê-los. É uma investigação com os olhos postos no mar, mas com impacto muito para além dele. A degradação dos oceanos, as alterações climáticas e a contaminação dos recursos naturais já não são preocupações distantes. Estão directamente ligadas à saúde, à alimentação e à qualidade de vida das populações. O trabalho desenvolvido por Ana Marta Gonçalves aproxima estes grandes desafios de soluções concretas, levando o conhecimento científico para fora do laboratório. Essa proximidade à sociedade está também presente nas acções de literacia dos oceanos e de educação ambiental que promove junto dos mais novos. Porque investigar é essencial, mas despertar curiosidade, explicar e ensinar a cuidar do que nos rodeia é outra forma de garantir que a ciência deixa marca. O reconhecimento conquistado tem ainda reflexos na projecção da própria Universidade de Coimbra. A presença de investigadores altamente citados é um dos indicadores considerados pelo Ranking de Xangai e o trabalho de Ana Marta Gonçalves ajudou a reforçar a posição da UC, que regressou este ano ao grupo das 500 melhores universidades do mundo. A ciência raramente se faz de gestos ruidosos. Faz-se de persistência, perguntas, dúvidas e muitas horas de trabalho que quase ninguém vê. Desta vez, porém, o resultado não passou despercebido. Ana Marta Gonçalves colocou a investigação feita em Coimbra entre a mais influente do mundo e há conquistas que dispensam qualquer outra explicação.

RUI MORAIS - O estudante de Gestão e dirigente associativo foi reeleito presidente da Federação Nacional do Ensino Superior Particular e Cooperativo (FNESPC), iniciando um segundo mandato à frente da estrutura que representa associações académicas e de estudantes do sector não estatal. Aluno do Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra, onde integrou a liderança da Associação de Estudantes, Rui Morais assume também funções no Conselho Nacional de Juventude. Na nova etapa, quer colocar no centro do debate a igualdade no acesso aos apoios sociais, defendendo que estes devem atender à situação económica de cada estudante, independentemente de frequentar uma instituição pública, particular ou cooperativa. Entre as prioridades estão ainda uma revisão dos benefícios fiscais para estudantes, maior apoio a quem estuda fora dos grandes centros e uma modernização do ensino superior capaz de acompanhar percursos académicos e profissionais cada vez menos lineares. Para Rui Morais, o desafio passa por dar aos jovens verdadeira liberdade de escolha e aproximar o ensino superior das necessidades do país e dos territórios.



MARIA DA GRAÇA RASTEIRO - A professora aposentada de Engenharia Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) morreu no passado dia 13 de Agosto, deixando um percurso de quase cinco décadas ligado ao ensino, à investigação e à vida académica da instituição. Licenciada em Engenharia Química pela FCTUC em 1975, realizou na mesma faculdade todo o seu percurso académico, concluindo o doutoramento em 1988 e obtendo o título de Agregada em 2012. A sua actividade científica centrou-se sobretudo nas áreas da Tecnologia de Partículas e dos Processos de Floculação, tendo desenvolvido investigação no CERES. Ao longo da carreira, assumiu também várias responsabilidades de gestão universitária. Foi directora do Departamento de Engenharia Química e do respectivo centro de investigação, conciliando essas funções com a docência e o trabalho científico. Fora da Universidade, Maria da Graça Rasteiro manteve uma participação activa em instituições ligadas à engenharia e à inovação. Integrou o Conselho Directivo Regional da Ordem dos Engenheiros e a Academia de Engenharia, tendo ainda sido vice-presidente da direcção do Instituto Pedro Nunes.



JOAQUIM ANTÓNIO FARIA MOITA - O médico cardiologista e fundador da Clínica do Coração morreu aos 84 anos, deixando um percurso de várias décadas ligado à medicina e, em particular, à Cardiologia na região Centro. Natural de Alcorochel, no concelho de Torres Novas, manteve sempre uma relação próxima com a terra natal, embora tenha sido em Coimbra que construiu grande parte da carreira. Licenciou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, depois de passagens por Santarém e Lisboa, e exerceu nos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde se destacou pelo trabalho desenvolvido na área da Ecocardiografia, de que foi um dos pioneiros. Foi também assistente da Faculdade de Medicina. Antes da carreira médica, cumpriu serviço militar na Guiné durante a Guerra Colonial, onde exerceu funções como médico alferes de António de Spínola, que viria posteriormente a ser Presidente da República. Em 1979, Joaquim Faria Moita fundou a Clínica do Coração, inicialmente em Leiria. O projecto cresceu depois para Coimbra e Pombal, mantendo actividade nas três cidades e acompanhando milhares de doentes ao longo dos anos. Apesar de ter deixado as consultas durante a pandemia de covid-19, continuou ligado ao funcionamento das clínicas, nomeadamente à área dos exames.

A Câmara de Coimbra aprovou contratos que permitirão alargar a confecção local de refeições a 24 escolas no próximo ano lectivo, abrangendo cerca de 900 alunos. Os contratos serão celebrados com as freguesias de Almalaguês, Brasfemes, Ceira e Torres do Mondego e com as uniões das freguesias de Assafarge e Antanhol, Santa Clara e Castelo Viegas, São Martinho do Bispo e Ribeira de Frades, Souselas e Botão e Trouxemil e Torre de Vilela.

GENTES DA NOSSA TERRA: **ANA ABRUNHOSA**

A PROFESSORA NA PRAÇA 8 DE MAIO

Docente, gestora de fundos e ministra, a economista chegou à Câmara diante de um grande desafio: fazer de Coimbra uma cidade de futuro.

MARCELO DOMINGUES

A professora doutora Ana Maria Pereira Abrunhosa Trigueiros de Aragão (Cabinda, 1970) nasceu a 4 de Julho, Dia de Santa Isabel, em Angola, durante a Guerra Colonial. Veio para Portugal ainda na primeira infância, cresceu no concelho de Mêda, na antiga Beira Alta, e, aos 15 anos, saiu de casa para estudar na Escola Secundária Afonso de Albuquerque, na Guarda.

Licenciou-se na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) em 1994, concluiu o mestrado em 1998 e doutorou-se em 2007. Na sua tese, "Como competir em sectores tradicionais? A inovação organizacional como fonte de vantagem competitiva", estudou as fontes de vantagem competitiva em sectores tradicionais, com aplicação à indústria portuguesa do calçado.

Começou a carreira como auditora na Ernst & Young, regressando em seguida à sua alma mater, onde leccionou Microeconomia, Gestão das Organizações e Economia Regional, tornando-se professora auxiliar e investigadora do Centro de Estudos Sociais.

Segundo os seus mais cruéis "detractores", havia uma regra simples nas suas aulas: nada de pastilhas elásticas. "Era implacável, e os alunos sempre acataram", brincou em entrevista ao Diário de Notícias João Sousa Andrade, catedrático da mesma instituição, que a recorda como uma colega "de uma solidariedade total" e com "enorme sentido de justiça".

Trinta anos depois das primeiras turmas, Ana Abrunhosa foi eleita com mais de 29 mil votos para presidir à Câmara Municipal de Coimbra.

Da FEUC à Coesão Territorial

Ao assumir a vice-presidência da CCDR Centro, em 2008, passou da Economia Regional à gestão de fundos comunitários, tornou-se vogal executiva do Mais Centro em 2010 e presidiu à comissão regional entre 2014 e 2019.

> **Passou por vários níveis da administração pública, mas foi a Câmara que lhe encurtou a distância entre as escolhas políticas e as suas consequências na vida das pessoas.**

Depois dos incêndios de 2017, acompanhou o Programa Repor, dirigido às empresas afectadas, e, em Outubro de 2019, António Costa convidou-a para o novo Ministério da Coesão Territorial. Primeira titular da pasta, permaneceu no Governo até Abril de 2024, tutelando a política regional e de coesão, a valorização do interior, a administração local, a descentralização e as CCDR. No âmbito do Portugal 2030, cabia-lhe a coordenação política dos programas regionais do continente.

Eleita deputada por Coimbra, presidiu à Comissão Parlamentar de Saúde. Na altura, questionada pelo ECO sobre uma eventual candidatura à Câmara Municipal de Coimbra, respondeu que a decisão cabia também à família: tivera a filha na cidade e ali mantinha casa e a base familiar. Dizia então que voltara a viver Coimbra aos fins-de-semana. "Sinto que não tenho nada a provar", afirmou.

A segunda presidente

Ana Abrunhosa é apenas a segunda mulher eleita para presidir à Câmara de Coimbra, quase meio século depois de Judite Mendes de Abreu, também independente nas listas do PS, que governou entre 1976 e 1979. A vitória deu à coligação cinco mandatos e um executivo sem maioria. Na tomada de posse, já com longa experiência política, declarou que "a única cor" que unia os vereadores recém-eleitos era a da cidade.

Quando o Mondego subiu

O primeiro grande desafio do mandato chegou em Fevereiro deste ano, quando as tempestades fizeram subir o Mondego. Ouviu opiniões divergentes sobre a evacuação da Baixa e decidiu não a ordenar de imediato porque, segundo contou depois ao Diário de Notícias, ainda havia tempo e estava preparado um plano de retirada. "Na noite do dia 12 senti medo", admitiu na ocasião.

Antes dessa noite, já determinara a evacuação preventiva de três lares. Ao longo da crise, participou nas reuniões da Protecção Civil e percorreu as zonas afectadas, procurando explicar à população as decisões tomadas.

Uma cidade para ficar

"Não é por diploma que dizemos às pessoas onde vão viver", afirmara em 2020, quando ainda era ministra. Cinco anos depois, já candidata, disse que Coimbra não conseguia reter muitos dos estudantes que formava por não lhes oferecer condições para ficar.

Na habitação, prometeu mil fogos a custos acessíveis em quatro anos e viu aprovada pela Assembleia Municipal a suspensão parcial do PDM em várias áreas da cidade, incluindo zonas associadas ao corredor urbano do Metrobus, apesar das reservas da oposição. Em Julho, assinalou a primeira fase da entrega de habitações da Quinta das Bicas, destinada a 56 famílias, num empreendimento de 268 fogos financiado pelo PRR, reconhecendo o mérito do executivo anterior.

Na economia, anunciou a transformação do iParque na futura GoCoimbra, agência que prometera instalar na antiga estação Coimbra-A, e, em Junho, apresentou a Coimbra Supernova em conjunto com a Universidade de Coimbra, o Instituto Pedro Nunes e diversas empresas, com o objectivo de elevar de 350 para 750 os postos qualificados do sector espacial até 2030.



Economista e professora, Ana Abrunhosa tornou-se, em 2025, a segunda mulher eleita para presidir à Câmara de Coimbra, quase meio século depois de Judite Mendes de Abreu

> **Experiente em explicar problemas, a professora está agora do outro lado da pergunta, em busca de respostas.**

A Baixa no centro das decisões

Na Baixa, concentrou parte dessas respostas e anunciou a transferência faseada da maior parte da actividade lectiva do Instituto Superior Miguel Torga para dois edifícios da Rua Ferreira Borges, mantendo em funcionamento as instalações de Celas. "O ensino superior regressará ao coração histórico da cidade e, com ele, regressam estudantes, regressa o comércio e regressa mais vida", afirmou.

No começo deste mês, a Câmara iniciou a última fase da intervenção no Terreiro da Erva, orçada em cerca de 280 mil euros. Naquela zona, o município pretende também instalar a futura 2.ª Esquadra da PSP. Num artigo no Diário de Notícias, Ana Abrunhosa enumerou o "Regresso Seguro" nos autocarros, equipas de mediação, Pontos Lilás, um Provedor da Noite, mais iluminação e videovigilância entre as medidas apresentadas para a vida nocturna no centro.

Esta semana, viu aprovada, por seis votos contra cinco, uma proposta de adaptação das carreiras dos SMTUC e dos acessos à Baixa, prevendo que a Rua da Sofia deixe de receber trânsito automóvel geral e dê prioridade aos transportes públicos, sem impedir o acesso de moradores, as operações de carga e descarga e os serviços. Os vereadores da Juntos Somos Coimbra votaram contra, criticando a falta de participação e de debate suficiente. Três comerciantes ouvidos pelo Diário As Beiras manifestaram opiniões divergentes. "Não é um ataque ao automóvel", respondeu a presidente, que pondera criar ali uma paragem de autocarros turísticos "para garantir que haja vida" na região.

Na Praça 8 de Maio, cada decisão convoca o melhor de si. Passou por vários níveis da administração pública, mas foi na Câmara que mais se encurtou a distância entre as escolhas políticas e as suas consequências na vida das pessoas. Experiente em explicar problemas, a professora está agora do outro lado da pergunta, em busca de respostas.



Da esquerda para a direita, Ricardo Lino, Miguel Antunes, Ana Abrunhosa, Margarida Mendes Silva e Luís Filipe, os cinco eleitos da coligação Avançar Coimbra, na tomada de posse dos órgãos autárquicos, no Convento São Francisco

O Comando Distrital de Coimbra da Polícia de Segurança Pública tomou conhecimento da circulação de um vídeo nas redes sociais, no qual são visíveis vários motociclos a circular em grupo numa via pública, sendo efectuadas manobras susceptíveis de colocar em perigo a segurança dos restantes utentes da via, bem como o lançamento de artigos pirotécnicos, estando a apurar quem praticou estes crimes.

ANTIGO GRÉMIO DA LAVOURA VENDIDO POR 5,8 MILHÕES VAI DAR LUGAR A HABITAÇÃO

Fundo imobiliário espanhol comprou o emblemático edifício da Baixa de Coimbra, que estava no mercado desde 2019. Projecto prevê a reabilitação do imóvel de cinco pisos e nova construção junto à zona ribeirinha. O antigo Grémio da Lavoura, junto à desactivada Estação Nova, mudou de mãos por 5,8 milhões de euros. A Cooperativa Agrícola de Coimbra concretizou a venda a um fundo imobiliário espanhol, encerrando um processo que se prolongava há sete anos. Com mais de seis mil metros quadrados de capacidade construtiva, o imóvel deverá ganhar uma nova vocação, centrada na habitação. A intenção passa pela recuperação do edifício existente e pela construção em áreas actualmente ocupadas por armazéns. Pedro Pimenta, presidente da Cooperativa, considera que o avanço do Metro Mondego e a transformação prevista para a frente ribeirinha ajudaram a tornar a zona mais atractiva para o investimento. A venda permitirá ainda reduzir encargos financeiros da instituição e libertar meios para novos investimentos de apoio à actividade agrícola.

JÉSSICA MOSS ABRE TEMPORADA DO TEATRO DA CERCA

A violinista e compositora canadiana Jéssica Moss actua em Coimbra, no dia 5 de Setembro, às 21h30, naquele que será o seu único concerto em Portugal. O espectáculo, marcado para o Teatro da Cerca de São Bernardo, assinala a abertura da temporada 2026/2027 deste espaço cultural. A antiga integrante dos Thee Silver Mt. Zion apresenta "Unfolding", álbum editado em 2025 e dedicado à esperança de uma Palestina livre. Criado num tempo de fortes tensões políticas, o trabalho aborda a libertação, o luto e a resistência, cruzando violino, voz e electrónica. A sonoridade percorre universos tão distintos como o pós-clássico, o metal ambiental, o folclore da Europa de Leste e o "drone". A ligação da artista à causa palestiniana já tinha ficado expressa, em 2024, no álbum digital "For UNRWA", cujas receitas reverteram para o apoio ao povo palestiniano. Durante a passagem por Coimbra, Jéssica Moss orienta ainda, entre 3 e 10 de Setembro, uma residência destinada a jovens músicos, dos 12 aos 18 anos, que estudem instrumentos da família do violino. A iniciativa pretende incentivar novas formas de composição, criação e experimentação e termina, no dia 10, com um concerto final.

ESCASSEZ DE ÁGUA NO MONDEGO PREOCUPA MUNICÍPIOS

O reduzido caudal do rio Mondego está a preocupar os municípios situados a montante da barragem da Aguieira. A situação foi comunicada à Agência Portuguesa do Ambiente (APA), que mantém sob vigilância a evolução dos níveis de água e das condições ambientais. Para reforçar temporariamente o escoamento, foram programadas descargas controladas a partir da barragem do Caldeirão, na Guarda. A medida pretende melhorar a circulação da água e salvaguardar utilizações como o abastecimento público e o funcionamento da praia fluvial de Ponte de Juncais, em Fornos de Algodres. A escassez afecta também os concelhos de Celorico da Beira, Guarda e Nelas. Na origem do problema estão a falta de chuva e as temperaturas elevadas registadas nas últimas semanas. Julho foi o mais seco deste século em Portugal continental, com uma precipitação média de apenas 0,8 milímetros. A APA alerta ainda para sinais de eutrofização e proliferação de algas em zonas de menor circulação, fenómenos que podem afectar a qualidade da água e os ecossistemas. A monitorização dos caudais deverá prosseguir, podendo ser adoptadas novas medidas.

RIBEIRA DE FRADES HOMENAGEOU DÉCADAS DE DEDICAÇÃO DE JORGE VELOSO

Jorge Veloso foi surpreendido com uma homenagem pública durante as Festas de Nossa Senhora da Nazaré, em Ribeira de Frades. Preparada em segredo por um grupo de amigos da freguesia e de São Martinho do Bispo, a iniciativa juntou milhares de pessoas num agradecimento pelas várias décadas que dedicou à comunidade e ao poder local. Antigo presidente da Junta de Freguesia de Ribeira de Frades, antes da agregação com São Martinho do Bispo, em 2013, Jorge Veloso viria depois a liderar a nova União das Freguesias. O seu percurso autárquico levou-o também à presidência da Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE). A cerimónia incluiu a exibição de um vídeo com imagens de diferentes momentos da sua vida, acompanhado pela música "Dá-me um Abraço", de Miguel Gameiro. Chamado depois ao palco, recebeu uma peça de arte com a inscrição "Obrigado da tua Ribeira". Apanhado desprevenido, Jorge Veloso confessou ter ficado profundamente sensibilizado. "Os reconhecimentos devem fazer-se em vida e não na morte", afirmou, destacando o significado especial de ter sido distinguido na terra onde começou o seu percurso autárquico. Embora já tivesse sido homenageado no congresso da ANAFRE, realizado em Fevereiro, em Portimão, o antigo autarca reconheceu que o gesto da população de Ribeira de Frades teve um peso diferente. "É aquela que mais me engrandece", sublinhou. João Pedro Gaspar, um dos amigos que estiveram na origem da iniciativa, explicou que as festas foram consideradas o momento certo para tornar público um agradecimento há muito sentido pela comunidade. A proposta recebeu o apoio da Comissão de Festas, que ajudou a manter a surpresa até à chamada de Jorge Veloso ao palco.

FESTIVAL FORMA LEVA ARQUITECTURA A VÁRIOS ESPAÇOS DE COIMBRA

Coimbra recebe, entre 24 e 27 de Setembro, a segunda edição do Festival de Arquitectura FORMA, que volta a levar o debate sobre a cidade e os seus espaços para fora dos círculos profissionais. Durante quatro dias, o programa reúne conferências, seminários, exposições, oficinas e teatro em vários pontos da cidade. Promovido pela IF – Plataforma de Arquitectura, com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, o festival junta arquitectos, investigadores, criadores, estudantes, instituições e público em geral. A habitação, a transformação urbana e a relação da arquitectura com a cultura contemporânea estarão no centro das conversas. A programação começa com o seminário "Arquitectura e Sociedade", pensado como lugar de encontro entre a disciplina e outras áreas do conhecimento. O FORMA pretende aproximar a arquitectura do quotidiano e envolver a população na reflexão sobre os lugares que habita. O festival integra ainda a quarta edição dos Prémios Nacionais FORMA, que distinguem trabalhos de relevo e valorizam diferentes formas de pensar e intervir no território.

TRIBUNAL DE CONTAS CONCEDE VISTO AO CONTRATO DE CONCESSÃO DA METRO MONDEGO

O Tribunal de Contas concedeu o visto ao contrato de concessão de serviço público para o Sistema de Mobilidade do Mondego (SMM. A decisão foi proferida a 21 de Agosto pelo Tribunal de Contas, ficando "concluído o enquadramento jurídico e financeiro da exploração" do SMM, conhecido como Metrobus, que circula entre Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo. O contrato de prestação de serviço público tem uma duração de 10 anos e estabelece as compensações financeiras anuais suportadas pelo Estado, que ascendem a um montante máximo de 67,7 milhões de euros (mais IVA) entre 2026 e 2035. De acordo com a resolução do Conselho de Ministros publicada em Março deste ano que fixa os encargos anuais, está prevista uma compensação de 8,1 milhões de euros neste ano e 7,25 milhões de euros em 2027. A partir de 2028 e até 2035 o valor é sempre semelhante, com ligeiras oscilações, mas da ordem de 6,5 milhões de euros anuais. Em 2027 está previsto que o sistema de Metrobus esteja a funcionar de forma integral. Em Setembro deste ano, a operação deverá estender-se até à estação ferroviária de Coimbra-B e até à Praça da República. Apenas no primeiro trimestre de 2027 deverá estar concluída a linha do Hospital, com o que falta do troço entre a Praça da República e os Hospitais da Universidade de Coimbra e ligação ao Pediátrico.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA CONSOLIDA COOPERAÇÃO COM MOÇAMBIQUE

Uma comitiva da Universidade de Coimbra realizou uma visita de trabalho a Moçambique, que visou a cooperação no intercâmbio de estudantes, docentes e pessoal não docente, bem como aprofundar e alargar a cooperação em projectos de investigação com diversos parceiros moçambicanos. A visita de trabalho decorreu de 19 a 21 de Agosto e a comitiva da Universidade de Coimbra, liderada pelo Vice-Reitor para as Relações Externas e Alumni, João Nuno Calvão da Silva, integrou o Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC), Edmundo Monteiro, o Subdirector para as Relações Internacionais da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEFUC), Hugo Sarmento, e Marília Curado, membro do Conselho Geral da UC, Professora do Departamento de Engenharia Informática (DEI/FCTUC) e Directora do Laboratório de Informática e Sistemas (LIS) do Instituto Pedro Nunes (IPN). Na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) foi formalizada pelo Reitor Manuel Guilherme Júnior a assinatura de um Acordo de Cooperação que renova a ligação institucional entre ambas Instituições de Ensino Superior, tendo sido também realizadas reuniões de trabalho com os Directores do Centro de Informática, da Escola Superior de Ciências do Desporto e das Faculdades de Ciências e de Engenharia. O Vice-Reitor João Nuno Calvão da Silva interveio, a convite da Câmara de Comércio Portugal Moçambique, na cerimónia do Prémio Joaquim Chissano - Alumni Estudante Moçambicano em Portugal, atribuído ao Professor Lourenço do Rosário, licenciado em Filologia Românica e Doutor em Letras, especialidade de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela Universidade de Coimbra.

FACTO DA SEMANA

A BAIXA ESTÁ DE VOLTA SÓ PODE



Baixa de Coimbra recupera movimento e ganha uma nova vida

Poucos espaços têm sido tão falados em Coimbra nos últimos tempos como a Baixa. Compreende-se porquê. Foi durante anos e anos, se não mesmo séculos, o coração da cidade, o ponto de encontro entre amigos e até as paixões por ali se desenvolviam, fosse naqueles bailaricos de sábado à tarde no Rancho de Coimbra, nas Patelas, no Clube de Coimbra e outros mais, fosse também por ali que os então chamados doutores antes de tempo e jovens meninas da Baixa, oriundas das famílias futricas, trocavam olhares que mexiam com a sensibilidade de muitas delas, deles alguns também. A Baixa foi durante muitos anos o espaço predilecto de Coimbra. Quiseram as circunstâncias que se fizesse velha. Pela degradação dos edifícios, pela insegurança da Baixinha cujas ruelas serviam de esconderijo aos primeiros consumos da droga, pela perda progressiva da capacidade de atracção do comércio, a que cidades vizinhas fizeram frente e superfícies comerciais levaram a melhor, quase nunca pela qualidade dos produtos mas quase sempre pela agressividade de quem sabe vender como bom o que nem sempre o é. Mas a Baixa de Coimbra, tão atávica e desistida nos últimos anos, está a voltar. Já mexe, apesar da falta de estacionamento a manter estrangulada. As Ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges já têm capacidade de atracção, já têm movimento. A Portagem também, Santa Clara após a ponte melhorou muito, a Rua da Sofia ainda se mostra hesitante mas vai lá, queremos crer e bem paciente tem sido. Estão a abrir espaços novos, sejam lojas ou escritórios. Os restaurantes da nossa infância resistem e se nas tascas ainda faltam os loureiros, também eles hão-de voltar. O Metro vai mexer com a Baixa. Só pode. Mexer e bem. Se com o Instituto Miguel Torga mais juventude descer o Quebra Costas, daí vantagens também virão para o dinamismo da nossa Baixa. Assim que a prestigiadíssima empresa Critical Software concluir as obras que tem em curso na antiga Coimbra Editora e prédios novos e lindos anexos em construção, assim que aqueles terrenos que o Estado detém confinantes com a bem sucedida zona ribeirinha, e tantos hectares são, assim também que o edifício do antigo Grémio da Lavoura e espaço anexo mostrar ao que vem, estamos em crer que a Baixa dará um passo de gigante e voltará a vestir o fato domingueiro do nosso orgulho.

A Universidade Politécnica de Coimbra (UPCoimbra) teve colocados 1.980 novos estudantes na 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2026, preenchendo 84,6% das 2.340 vagas colocadas a concurso pelas suas seis escolas. Foram colocados mais 578 estudantes (mais 41,2%), a taxa de ocupação subiu quase 21% e as vagas remanescentes para a 2.ª fase caíram para 360, menos de metade das do ano passado.

MANUEL CASTELO BRANCO QUER UNIR FORÇAS NO ENSINO SUPERIOR DE COIMBRA

Professor, com passagem pelo Governo Barroso e presidente do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), Manuel Castelo Branco fala ao Campeão das Províncias sobre o futuro da instituição, a aproximação à Universidade de Coimbra, a expansão para a Baixa e a necessidade de a cidade recuperar poder e ambição. E garante: a identidade do Miguel Torga não será negociada.

LINO VINHAL
JOANA ALVIM

Professor, com passagem pelo Governo Barroso e presidente do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), Manuel Castelo Branco fala ao Campeão das Províncias sobre o futuro da instituição, a aproximação à Universidade de Coimbra, a expansão para a Baixa e a necessidade de a cidade recuperar poder e ambição. E garante: a identidade do Miguel Torga não será negociada.

Campeão das Províncias [CP]: Divide o tempo entre Cantanhede, Coimbra e a Figueira da Foz. Como vive esta ligação?

Manuel Castelo Branco [MCB]: Vivo em Buarcos há dezassete anos e encontrei ali uma comunidade, feita das pessoas, dos cafés, dos restaurantes e dos encontros quotidianos. Quando isso se junta à beleza da baía, é um privilégio. Depois há a Praia de Mira, uma paixão ligada às memórias da família, da infância e da adolescência. Todos os fins-de-semana, fizesse chuva ou sol, íamos para lá. Aprendi a gostar daquele Atlântico duro, sobretudo no Inverno. As minhas Maldivas ficam entre Mira e Buarcos.

[CP]: E Coimbra é sobretudo uma terra de trabalho?

[MCB]: Também é uma terra de afectos. Vivo e trabalho aqui há muitos anos, o meu filho é de Coimbra e estão aqui grandes amigos. Passei ainda pelo Governo, uma experiência marcante, mas a minha vida está sobretudo ligada à cidade e ao ensino superior.

[CP]: Que avaliação faz das escolas do Politécnico de Coimbra?

[MCB]: São escolas muitíssimo qualificadas, capazes de competir com quaisquer outras em Portugal. Entre elas está a Coimbra Business School, onde lecciono, mas essa qualidade estende-se às restantes. A Escola Superior Agrária é uma verdadeira jóia da coroa. Também ensinei no Porto e não tenho dúvidas quanto à excelência destas instituições.

[CP]: Há seis anos já defendia uma aproximação entre o Politécnico e a Universidade de Coimbra. Continua a considerá-la necessária?

[MCB]: Continuo. A minha candidatura, lançada numa entrevista ao Campeão das Províncias, assentava numa fusão, entre Universidade e Politécnico. Penso que esse é o destino comum das grandes instituições académicas de Coimbra. A própria cidade é um campus e, num país sem regionalização, o ensino

> **A identidade do Miguel Torga é uma condição intocável.**

superior pode contrariar o centralismo de Lisboa e do Porto.

[CP]: É nesse contexto que surge o Instituto Superior Miguel Torga?

[MCB]: O Miguel Torga não é uma escola qualquer. Tem 90 anos e é a segunda escola de Serviço Social mais antiga do país. Foi criada por Bissaya Barreto para formar profissionais para a sua obra, antecipando uma ideia de Estado Social, e ficou marcada pelo progressismo de Teresa Granado. Junta-se o legado de Miguel Torga: a defesa da liberdade, do saber e da cultura perante poderes arbitrários. Essa herança obriga-nos a preservar a dimensão humanista.

[CP]: A propriedade e a ligação ao território também tornam o Instituto singular?

[MCB]: É uma realidade provavelmente única em Portugal e talvez na Europa. A escola começou ligada à Junta da Província da Beira Litoral, passou pela Junta e pela Assembleia Distrital e, com a extinção desta, ficou na esfera da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra. Os titulares são os 19 municípios da região. Isso dá-nos uma responsabilidade e uma oportunidade enormes.

A nossa intervenção vai do litoral praticamente até à Guarda. Nenhuma outra escola de Coimbra tem esta ligação estatutária. Através da Escola de Coimbra, levamos cursos e formação aos concelhos, quase como um ensino "ao domicílio". O Interior começa muito perto de Coimbra. Esta presença liga-nos a autarquias, empresas, associações e instituições sociais.

[CP]: Assumiu a direcção numa altura difícil. O que encontrou?

[MCB]: Encontrei uma escola atingida por um processo que me desapontou, sobretudo pelo peso e papel de entidades sem legitimidade democrática e com motivações obscuras. Foram levantadas dúvidas infundadas e injustas sobre a qualidade do ensino. Isso causou um dano enorme. Uma avaliação séria faz-se com transparência e permite corrigir o necessário. Não se põe em causa uma escola com esta história através de insinuações.

[CP]: Como reagiu a comunidade académica?

[MCB]: Os alunos foram fundamentais: permaneceram e defenderam a escola. Mantivemos os inscritos, embora tenha havido uma quebra de novos alunos, em linha com a quebra então acontecida em todo o ensino superior, com consequências duras. Pertencemos a entidade pública, mas somos financiados exclusivamente pelas propinas. Apesar de pertencemos a 19 municípios prestarmos um serviço público.

[CP]: Em que ponto está a aproximação à Universidade de Coimbra?

[MCB]: O impulso partiu do Miguel Torga. E as conversas decorrem com serenidade. O processo começou antes da alteração do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, mas ganhou novas possibilidades. Uma mudança anterior resolvera outro problema: as leis autárquicas e o RJIES não previam uma



Manuel Castelo Branco garante que a identidade e a autonomia do Instituto Superior Miguel Torga são linhas que não podem ser ultrapassadas

instituição privada tutelada por uma comunidade intermunicipal. Derrubado esse "muro de Berlim jurídico", abriram-se vários modelos de colaboração.

[CP]: Que modelos estão em cima da mesa?

[MCB]: Não há um modelo fechado. Pode haver protocolos de colaboração, projectos conjuntos, um consórcio ou uma integração formal. O consórcio permite colaborar sem retirar autonomia. A CIM pode participar directamente ou através de uma entidade intermunicipal, conjugando uma escola privada com uma universidade pública. A integração poderia transformar o Miguel Torga numa unidade orgânica, mas estamos longe dessa decisão. É preciso construir confiança e avaliar os benefícios recíprocos dos vários modelos possíveis.

> **Coimbra tem uma qualidade de vida extraordinária, mas esse conforto pode gerar uma modorra psicossociológica.**

[CP]: A Universidade é o parceiro desejado? Houve algum recuo depois de o processo se tornar público?

[MCB]: É o parceiro natural e desejado. A Universidade tem uma dimensão científica, humana e material extraordinária; o Miguel Torga acrescenta história, qualidade, flexibilidade e ligação profunda ao território. Temos sido contactados por entidades privadas fortes, mas não é esse o caminho que desejamos.

Também não houve recuo. Houve ruído semântico, apenas. Os órgãos da Universidade ainda não apreciaram profundamente este processo embrionário. Deixo um tributo ao Reitor: há dois anos, num momento difícil, a Universidade ajudou-nos de forma imediata e incondicional. Isso foi então decisivo e demonstrou que reconhece a nossa qualidade.

[CP]: Há garantias de que o Instituto não perderá a identidade?

[MCB]: Essa condição é intocável. Seja qual for o modelo, o Miguel Torga não desaparece. Mantém o nome, a identidade, os cursos, os professores, os funcionários, os alunos e a autonomia académica. Temos docentes de altíssima qualidade. Uma escola com 90 anos não pode ser diluída. Respondemos perante a CIM, os municípios e a comunidade académica.

[CP]: É também neste quadro que surge a ida para a Baixa?

[MCB]: A mudança junta um desejo do Instituto a uma prioridade da Câmara. Quando Ana Abrunhosa falou da revitalização da Baixa através do ensino superior, quisemos participar. O município e a CIM disponibilizaram dois edifícios na Rua Ferreira Borges, com acesso pela Praça do Comércio. Queremos começar aí as aulas a 14 de Setembro. Alguns serviços continuarão em Celas, mas professores, funcionários, cerca de 1.200 alunos e centenas de formandos podem devolver, e vão devolver, movimento e vida diários à Baixa.

[CP]: Tem dito que Coimbra é uma cidade demasiado confortável. O que quer dizer?

[MCB]: Coimbra tem uma qualidade de vida extraordinária, mas esse conforto pode gerar uma "modorra psicossociológica". Estando bem, para quê mexer? Gosto desse lado "coimbrinha", mas o mundo muda depressa, Lisboa e Porto concentram o poder e Coimbra pode tornar-se periférica.

Muitos jovens da cidade já procuram as universidades "da moda" de Lisboa e do Porto, apesar de Coimbra continuar a oferecer, em muitas áreas, o melhor ensino. Procuram também as redes ligadas ao poder político, económico e social. Sem regionalização, Coimbra perdeu parte desse poder de atracção.

[CP]: Ainda acredita que Coimbra pode inverter essa tendência?

[MCB]: Acredito. Cambridge e Oxford também não ficam em Londres. Coimbra tem tudo para construir uma estrutura forte, com a Universidade como grande pólo nacional e internacional, integrando o Politécnico e o Miguel Torga. Trazemos uma ligação única aos municípios, ao território e às redes internacionais das autarquias. Defenderemos a escola, as suas pessoas, a sua autonomia, a sua ligação umbilical ao território. Há momentos em que é preciso saber dizer não. Sabemos quais as linhas que não podem ser ultrapassadas.

Um em cada quatro estudantes já ponderou suspender a matrícula ou abandonar o ensino superior devido aos custos associados à frequência académica, revela a Associação Académica de Coimbra (AAC). O inquérito aponta para um preço médio de 312 euros por quarto em Coimbra, sendo que 65,2% dos estudantes pagam 300 euros ou mais por mês. Cerca de 28,5% gastam entre 51% e 70% do orçamento mensal em alojamento.

"SOU SIMPLESMENTE UMA PESSOA": A VOZ DE UMA MULHER CIGANA CONTRA OS ESTEREÓTIPOS

ANA RAJADO

Maria Gil, atriz e ativista, recusa que a sua identidade seja definida pelo conflito. Cresceu numa família cigana, no Porto, onde a pertença nunca precisou de ser explicada. Foi educada num ambiente onde os valores, a memória e o sentido de comunidade eram transmitidos com naturalidade. Para Maria, a consciência de ser cigana nasceu da pertença. O problema surgiu quando percebeu que a sociedade a colocava num lugar de exceção, obrigando-a a justificar quem era. "Eu acordo todos os dias como pessoa", afirma. "Quem me coloca na necessidade de me confrontar com a minha ciganidade é o racismo."

Muito mais do que uma única comunidade

Ao longo da conversa, Maria insiste numa ideia essencial: não existe uma única comunidade cigana, mas comunidades ciganas, diversas entre si. Partilham uma origem histórica e referências comuns, mas cada comunidade apresenta características próprias. Reduzir as pessoas ciganas a uma realidade ignora essa diversidade. Rejeita também a ideia de que vivem isoladas da sociedade.

"O anticiganismo sobrepõe-se à classe social": Maria Gil denuncia um preconceito que persiste para lá do sucesso profissional

A experiência decorreu nos mesmos espaços que qualquer cidadão português. Para si, a identidade preserva-se pela transmissão de valores, memórias e tradições entre gerações. Maria considera que Portugal continua a olhar para as pessoas ciganas através da diferença, sem aprender a respeitá-la. O conflito nasce da dificuldade em aceitar a diversidade como parte da identidade nacional. "A diferença existe. O que não existe é o respeito pela diferença." Acredita que as pessoas ciganas continuam a ser colocadas no lugar do "outro", uma construção histórica que alimenta estigmas. "Enquanto Portugal não reconhecer plenamente a sua diversidade", diz, "continuará a existir a necessidade de criar grupos sobre os quais recaem medos e suspeitas".

Uma história que continua ausente e a língua que quase desapareceu

Uma das críticas mais fortes dirige-se ao apagamento da história do povo cigano. Segundo Maria, gerações de alunos cresceram sem conhecer o contributo de portugueses ciganos para o país. Essa ausência transmite a ideia de que nunca fizeram parte da História de Portugal. Recuperar essa memória é devolver dignidade a gerações cujos contributos permaneceram invisíveis. A língua é outro exemplo desse apagamento. Recorda que o romani praticamente desapareceu em Portugal e Espanha devido a séculos de perseguições e leis que proibiam a sua utilização. Falar a própria língua podia significar violência ou castigos, levando comunidades a desenvolver formas alternativas de comunicação. «Antes da escrita existe a oralidade», recorda. «Quando nos retiram a língua, retiram-nos também uma parte da nossa forma de existir.» Hoje vê com esperança o interesse das novas gerações pela recuperação do romani, como forma de preservar a identidade cultural.

O peso de séculos de discriminação

Maria rejeita explicações simplistas sobre os estereótipos associados às comunidades ciganas. Muitos problemas sociais resultam de séculos de exclusão e políticas públicas que limitaram a circulação, impediram a fixação e empurraram gerações para a pobreza. "O maior crime



Maria Gil à saída das mesas de voto

que se comete em Portugal é colocar pessoas em situação de pobreza." Considera injusto responsabilizar exclusivamente estas comunidades pelas dificuldades que enfrentam. Defende reparação histórica: igualdade de oportunidades na educação, acesso à habitação e políticas de equidade que compensem séculos de exclusão. "Não queremos privilégios. Queremos igualdade de oportunidades e o reconhecimento de uma história que também é portuguesa."

Da infância à construção de uma consciência crítica

A consciência política de Maria Gil formou-se com a experiência e a necessidade de compreender a discriminação. Recorda uma infância num ambiente familiar onde o pensamento crítico era valorizado. Apesar de a mãe não ter tido acesso à escolaridade, consequência da discriminação sofrida por muitas crianças ciganas, nunca faltaram curiosidade e interesse pelo mundo. O pai acreditava no conhecimento pela experiência, viagens e reflexão. Nesse contexto desenvolveu o hábito de questionar. Reconhece, porém, que o percurso não foi linear. Também ela desconstruiu preconceitos e percebeu que as pessoas ciganas interiorizam ideias que a sociedade constrói sobre elas. "Também nós, enquanto pessoas ciganas, acabamos por interiorizar muitas das ideias que a sociedade constrói sobre nós." A consciência ganhou

"Quando nos retiram a língua, retiram-nos também uma parte da nossa forma de existir": a atriz e ativista alerta para o apagamento da história e da cultura ciganas em Portugal

outra dimensão ao perceber que os preconceitos da sua infância permaneciam na geração seguinte. A maternidade mudou a forma de olhar para o futuro. O nascimento dos filhos marcou um ponto de viragem perante o anticiganismo. Ao perceber que os mesmos estereótipos e preconceitos atingiam as novas gerações, decidiu uma intervenção pública mais firme. A experiência tornou-se mais complexa com o crescimento da filha, de diferentes pertenças culturais. Para Maria, nenhuma dimensão deve ser apagada. A identidade não é uma escolha entre mundos, mas uma realidade que pode ser múltipla.

O anticiganismo sobrevive à mobilidade social

Maria rejeita a ideia de que o sucesso profissional ou académico elimina a discriminação. O preconceito adapta-se às circunstâncias. "O anticiganismo sobrepõe-se à classe social." Mesmo quando deixa de ser explícito, manifesta-se na surpresa perante uma pessoa cigana que não corresponde aos estereótipos. "Não parece cigana" é uma frase que continua a ouvir frequentemente e que, para si, revela o desconhecimento sobre a diversidade do povo Roma. Essa visão ignora séculos de miscigenação, mobilidade e cruzamentos culturais que tornam impossível reduzir as pessoas ciganas a uma aparência ou modo de viver.

Uma atriz por acaso, uma ativista por opção

Conhecida como atriz, Maria sublinha que o seu percurso artístico não começou numa escola de teatro. A aproximação ao palco aconteceu através do teatro comunitário e do Teatro do Oprimido, onde discutiu cidadania, participação e inclusão social. Mais tarde chegaram convites para o cinema e projetos. Considera que a representação nunca foi um objetivo isolado.

Maria Gil rejeita a ideia de uma única comunidade cigana e defende que a diversidade deve ser reconhecida como parte da identidade de Portugal

Esteve ligada ao desejo de compreender a sociedade e contribuir para a sua transformação. Por isso, rejeita ser apresentada apenas como "atriz cigana". É atriz, é mulher cigana e é ativista. Nenhuma dessas dimensões existe separadamente.

Muito para além dos estereótipos

Maria regressa à necessidade de romper com as imagens simplificadas que marcam o imaginário coletivo. Não quer que as pessoas ciganas sejam vistas apenas como vítimas da discriminação, mas recusa também transformar cada percurso de sucesso numa história individual de superação. Entre esses extremos existe a vida quotidiana, feita de trabalho, família, dúvidas e aspirações comuns. "Eu sou simplesmente uma pessoa." Para Maria, a verdadeira inclusão acontecerá quando uma mulher cigana deixar de ser notícia apenas por ser cigana e puder ocupar qualquer espaço público sem transformar a sua identidade em tema de debate. Até lá, continuará a usar a sua voz contra o desconhecimento e o preconceito. Não pretende representar todas as pessoas ciganas, mas acredita que cada testemunho ajuda a desmontar décadas de silêncio e exclusão. O seu ativismo assenta na defesa da igualdade, do reconhecimento e de uma cidadania plena, lembrando que a história das pessoas ciganas faz parte da própria história de Portugal.

A ERSUC reconheceu a existência de constrangimentos na recolha de resíduos em algumas zonas da sua área de intervenção, apesar do plano de reforço operacional colocado em marcha no início em Julho, especialmente nos concelhos da faixa litoral. "O aumento da população representa um acréscimo da produção de resíduos e uma maior exigência sobre as infra-estruturas e serviços de recolha", refere a empresa.

ANALISA.PT COMPILA INFORMAÇÃO DE VÁRIAS FONTES NUMA SÓ PLATAFORMA

PORTUGAL DISPÕE DE UM NOVO PORTAL DE DADOS PÚBLICOS

*ANA CLARA**

Chama-se 'Analisa.pt' e é o mais recente projecto nacional, disponível numa só plataforma online, e que se assume como a "forma mais simples de explorar dados públicos em Portugal".

Desenvolvido por Tiago Antunes, o 'Analisa.pt' reúne, organiza e disponibiliza centenas de indicadores públicos numa plataforma intuitiva, visual e de fácil utilização, recorrendo a fontes como o Instituto Nacional de Estatística (INE), PORDATA, Portal BASE, Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e muitas outras. Agrega informação que até agora se encontrava dispersa por dezenas de entidades públicas, permitindo a qualquer cidadão explorar, comparar e compreender melhor a realidade do País e dos seus municípios.



Tiago Antunes, fundador do 'Analisa.pt'

Entre as áreas de análise encontram-se: 'Qualidade de Vida', 'Economia e Habitação', 'Saúde e Educação', 'Mobilidade e Ambiente', 'Pessoas e Sociedade', 'Segurança Social e Contratos Públicos', e outras categorias que continuarão a ser acrescentadas. O objectivo é tornar os dados públicos mais acessíveis e compreensíveis, o reforço da transparência e promover um maior escrutínio das políticas públicas e da actuação das instituições.

O "Campeão das Províncias" esteve à conversa com Tiago Antunes, que desenvolveu o projecto, e que começa por explicar que o 'Analisa.pt' começou a ser desenvolvido em Fevereiro de 2026, sendo que a primeira versão pública foi lançada em Abril. "A ideia surgiu numa conversa entre amigos sobre projectos existentes noutros países que cruzavam dados de várias áreas para atribuir uma pontuação de qualidade de vida a cada território. Isso levou-me a pensar numa solução adaptada à realidade portuguesa, onde os dados existiam, mas estavam dispersos por vários portais e eram difíceis de relacionar e comparar", salienta.

Onde e como é aplicado o dinheiro público

Refere que o primeiro protótipo era um mapa dos 308 municípios, com alguns indicadores e uma pontuação de qualidade de vida. "A vertente dos contratos públicos surgiu depois como complemento natural: além de observar os resultados dos territórios, fazia sentido acompanhar onde e como é aplicado o dinheiro público", adianta. O projecto cresceu depois, de forma iteractiva, também através do feedback dos utilizadores.

Tiago Antunes, que trabalha na área do desenvolvimento de software desde 2012, com especial foco em aplicações Web, como Fullstack Software Engineer, detalha que o núcleo municipal reúne actualmente mais de 250 indicadores ou camadas. Abrange segurança, economia, emprego e rendimentos; habitação; finanças municipais; saúde e Serviço Nacional de Saúde (SNS); educação; ambiente, água e clima; infra-estruturas, mobilidade e conectividade; demografia e migrações; turismo, cultura e lazer; protecção social; serviços de proximidade; e contratos públicos. Existem ainda módulos próprios para segurança social, migrações, saúde, praias, pontos de interesse, estatísticas europeias e contratação pública.

Entre as principais fontes estão o INE, a PORDATA, o IEFP, o Portal BASE, o Instituto dos Mercados Públicos, do Imobiliário e da Construção (IMPIC), a Direcção-Geral das Autarquias Locais (DGAL), o SNS Transparência, a Segurança Social, o Eurostat, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA)/Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH), a Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), a Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM) e a Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC). Em algumas áreas recorre também a fontes abertas externas, como a OpenStreetMap e a Open-Meteo. "Quando existe uma API (interface de programação de aplicações) estável, a recolha é directa. Noutros casos, é necessário processar ficheiros CSV, Excel ou PDF. Os dados são normalizados: nomes e códigos territoriais, datas, unidades e coordenadas são convertidos para um modelo comum. Taxas por habitante, distâncias, índices ou pontuações são identificados como cálculos do 'Analisa.pt', com fonte, período e metodologia visíveis", sustenta.



O Analisa.pt disponibiliza centenas de indicadores públicos numa só plataforma

Sobre o objectivo do projecto, Tiago Antunes é claro: "transformar dados públicos em conhecimento público utilizável. Portugal não tem propriamente falta de dados, tem falta de ligação entre eles, de comparabilidade e de interfaces acessíveis a não especialistas". "Um cidadão pode conhecer melhor o seu município, comparar territórios, acompanhar indicadores e perceber como são utilizados recursos públicos", acrescenta. Para jornalistas, investigadores e associações, a plataforma reduz horas de recolha e cruzamento manual. Valores por habitante, taxas e séries históricas "permitem comparações mais justas do que os números absolutos. O 'Analisa.pt' não pretende substituir as fontes oficiais, mas facilitar a consulta e compreensão dos dados que estas disponibilizam", ressalva o fundador do projecto.

"A transparência é essencial para a democracia"

Tiago Antunes recorda que Portugal já disponibiliza muita informação pública, "mas nem sempre é fácil encontrá-la e utilizá-la. Os dados estão espalhados por vários sites, em formatos diferentes e, muitas vezes, sem explicações claras ou séries completas. Publicar um ficheiro Excel ou PDF não chega se a maioria das pessoas não consegue perceber ou comparar a informação". Desta forma, considera que "a transparência é essencial para a democracia porque permite acompanhar decisões, perceber como é gasto o dinheiro público e responsabilizar quem governa. Quanto mais simples, actualizada e acessível for a informação, melhor será o debate público".

Para futuro, Tiago Antunes pretende continuar a acrescentar novos conjuntos de dados e, sobretudo, cruzá-los. O objectivo é que o 'Analisa.pt' "não seja apenas um catálogo, mas uma ferramenta que ajude a encontrar padrões, comparar realidades e retirar informação útil dos dados". Além disso, está também a desenvolver agentes de inteligência artificial que permitam explorar a plataforma através de perguntas em linguagem natural, indicando sempre os dados e as fontes utilizados, bem como a preparar outros projectos ligados ao 'Analisa.pt', que utilizam os mesmos dados para diferentes fins e que serão anunciados em breve.

Parceria com o Instituto +Liberdade

O 'Analisa.pt' integra actualmente a rede de projectos do Instituto +Liberdade, uma parceria que permitirá potenciar a sua divulgação e crescimento, mantendo toda a sua independência. O objectivo é simples: fazer chegar esta ferramenta ao maior número possível de cidadãos, investigadores, jornalistas, estudantes, autarcas e decisores. Tiago Antunes afirma que a colaboração com o Instituto +Liberdade "é importante pelo alinhamento na literacia, no escrutínio público e no acesso a informação de qualidade. O Instituto tem capacidade de comunicação e uma comunidade interessada nestes temas, ajudando o 'Analisa.pt' a chegar a novos públicos e a crescer". Sublinha, no entanto, que o projecto "mantém total independência e autonomia na selecção das fontes, metodologia e desenvolvimento". Esta é, neste momento, a única parceria institucional, havendo abertura para futuras colaborações.

Ao "Campeão", André Pinção Lucas, Director-Executivo do Instituto +Liberdade, diz que este é um projecto "com um enorme valor cívico, porque transforma uma enorme quantidade de dados públicos, muitas vezes dispersos e difíceis de consultar, em informação acessível, visual e fácil de compreender". "No Instituto +Liberdade acreditamos que cidadãos mais bem informados estão mais preparados para formar as suas próprias opiniões, escrutinar as instituições e tomar melhores decisões. O grande mérito do Analisa.pt é precisamente esse: disponibilizar os factos, sem dizer às pessoas que conclusões devem retirar deles".

Pinção Lucas acrescenta que o projecto nasceu do "extraordinário trabalho do Tiago Antunes e fez todo o sentido colocarmos os recursos e a capacidade de divulgação do +Liberdade ao serviço do seu crescimento, preservando a sua independência. Apoiar e dar escala a boas iniciativas da sociedade civil também faz parte daquilo que queremos ser enquanto Instituto". Para consultar o Analisa.Pt, aceda aqui: www.analisa.pt.

(*) Jornalista do "Campeão" em Lisboa

O Convento São Francisco, em Coimbra, realiza o "CEM PORTAS", de 4 a 6 de Setembro. No primeiro dia, nos claustros do Convento, decorrerá o baile participativo "Chão de Dança", em que públicos de todas as idades são convidados a descobrir danças colectivas tradicionais portuguesas.

ESPAÇOS DE CRIAÇÃO: MANUEL OLIVEIRA SANTOS, PINTOR

"ENCONTRO SOLUÇÕES A COZINHAR"

RITA DELILLE

«Há qualquer coisa que nos leva a dizer coisas que não conseguimos definir.» Talvez seja esta a melhor porta de entrada no universo de Manuel Oliveira Santos, um pintor que fala da arte como revelação, da liberdade, da inteligência artificial (IA) e da morte, mas para quem pintar continua a ser «uma alegria imensa».

Manuel pinta todas as manhãs. No seu atelier em Coimbra, que descreve como «uma espécie de catedral», o tempo parece obedecer ao ritmo da pintura. Aos 80 anos, continua a trabalhar entre quadros e perguntas para as quais não procura necessariamente resposta.



Manuel Oliveira Santos, nascido em Coimbra em 1945, formou-se em Pintura pelas Belas-Artes do Porto

PERCURSO

Nascido em Coimbra em 1945, formou-se em Pintura pelas Belas- Artes do Porto. Foi bolseiro da Wandschneider e da Fundação Calouste Gulbenkian e recebeu, entre outros, os prémios Mestre Costa Meireles e Fernando de Castro. Com mais de seis décadas de percurso, atravessou diferentes linguagens, do surrealismo à paisagem e à abstração.

[Campeão das Províncias]: Mais de meio século de carreira. Existe um fio condutor?
[Manuel Oliveira Santos]: Existe, mas não é linear — vive de rupturas. Em 1975 fiz uma grande exposição na Galeria Zen, no Porto, e vendi tudo. Foi o primeiro grande corte: dediquei-me ao ensino e parei de pintar. Retomei por volta de 1980, já sem o surrealismo de antes, e a partir dos anos 90 comecei a encarar a pintura de forma mais subjetiva e abstrata. Hoje as minhas temáticas têm mais que ver com o mundo, com o que sofremos, com as guerras e as maldades infligidas às crianças e a quem não se pode defender. Cinquenta anos ensinaram-me que amadurecer é aprender a viajar entre o real — que também pode ser um sonho — e a abstração.

[CP]: Quando é que essa passagem do mundo exterior para o mundo interior se tornou consciente?
[MOS]: Só a meio da vida percebi que a realidade sociopolítica, os meus fantasmas e o inconsciente me obrigam a pintar. Há um diálogo entre repressão e libertação. Uma vez vi, num dos meus quadros, um diabo a brincar numa nuvem branca sobre fundo vermelho, e percebi que era o inconsciente a falar. A pintura interiorizada dá-nos liberdade porque nos obriga a racionalizar um material que aparece de forma bruta — e o que sai é uma espécie de símbolo.

> O artista vê coisas que os outros não vêem

[CP]: Quem é o Manuel Oliveira Santos, para lá da pintura?
[MOS]: Uma pessoa sensível, que vive intensamente. Vejo coisas que os outros não veem — às vezes de forma dorida e alegre ao mesmo tempo. A verdadeira arte é a alegria, mas também a Pietà. Sou uma pessoa muito afetada, muito séria. Não gosto de rir — quando me rio é um riso amargo. A cor que uso não é alegre e os símbolos e o movimento das linhas têm sempre alguma dramaticidade. Acho que as pessoas hoje riem por tudo e por nada. Para mim, o humor e a ironia são supérfluos perante a realidade do mundo. Olho para o mundo com medo. Há quem diga que não devíamos ter medo — eu discordo.

> O atelier é uma espécie de catedral

[CP]: Um artista é um excêntrico?
[MOS]: Eu tenho muito gosto em ser excêntrico, em correr por fora. Acho condenável as pessoas defenderem-se cobardemente em grupos e sistemas. Há muita mediocridade que cai no sistema. No panorama atual das artes, isto está cada vez mais regurgitante. Funciona por grupos, uma espécie de seitas, curadores…
Há poucos artistas excêntricos porque estar fora tem um custo alto. Penso em Agostinho da Silva, que era um homem extraordinário e corria por fora.

[CP]: O que representa o seu atelier?
[MOS]: Um estado de espírito. Não sou religioso no sentido judaico-cristão, ainda que o meu vocabulário continue a sê-lo — sou pagão. O atelier é a minha capela, a minha igreja: o silêncio ali tem algo de mágico. Quando entro digo «aleluia», passo a mão por um quadro, digo «olá». Sou ritualista, apesar de desorganizado — há dias em que faço uma limpeza total aos papéis.

[CP]: Como nascem os seus quadros?
[MOS]: Muitas vezes a cozinhar — a imaginar uma pintura ou a resolver um problema que deixei por resolver na tela. Estamos demasiado próximos das coisas e precisamos de nos distanciar. Cozinhar, abrir os braços ao sol, estar relaxado: é aí que surgem soluções. Outras vezes, faço pequenos estudos em papel, mas o quadro desvia-se sempre — a textura, a cor, a pele da pintura, o movimento das linhas arrastam-nos para outro caminho. E a única saída é concluir, com esforço, por vezes com sofrimento, até sentir que continuar seria estragá-lo.

[CP]: E há espaço para o erro?
[MOS]: Sempre. Costumo dizer que me estampo constantemente. Mas há sempre forma de reverter através da técnica. Às vezes mexo nos quadros mesmo depois de expostos.

> Picasso matou a pintura

[CP]: A pintura ajuda a vencer o medo da morte?
[MOS]: Muito. No outro dia vi, numa personagem de um quadro, algo que me sugeriu a morte, e pensei: «olha a morte, és tão linda, queres dançar?» A pintura torna a ideia da morte mais leve, porque é, ela própria, uma espiritualidade; mesmo quando um quadro corre mal, há sempre um momento de epifania.



Com mais de seis décadas de percurso, atravessou diferentes linguagens, do surrealismo à paisagem e à abstração

[CP]: Considera-se próximo de uma visão metafísica?
[MOS]: Sim. Há dias em que o vento faz uma sinfonia nas plantas secas à porta do atelier — algo que sentimos compreender, mas que se torna inexplicável assim que tentamos nomeá-lo.
Quanto mais tentamos explicar, mais nos escapa. É aí que mora a alegria de viver, o amor, um remédio santo. A pintura ajudou-me a perceber que a vida acaba por ser uma ilusão perante a realidade humana. Vivemos entre parâmetros do tempo. Há qualquer coisa que nos transcende.

[CP]: A arte ajuda-nos a compreender a vida?
[MOS]: Sim, sobretudo do lado do bem e da ética. É a arte que nos liga ao mundo, que nos ensina. Um mundo sem arte seria uma desgraça — e em Portugal o ensino artístico resume-se quase à música, quando devia ir muito além disso.

[CP]: O que é que distingue, para si, uma criação humana de uma criação feita por uma máquina?
[MOS]: Não confio na IA. A arte tem de ter o homem por trás. Prefiro o EA, o deus mesopotâmico da sabedoria e da criação. O que distingue a criação humana é que é uma criação que conheço e em que acredito. A IA pode ser usada em determinado lugar, mas não pode substituir o Homem.

[CP]: A arte pode morrer?
[MOS]: Não — é uma polémica falsa. Está cansada. O gesto mais primordial que temos continua a ser agir segundo o que sentimos, erguer um cavalete, uma tela. Mas, em certo sentido, foi Picasso quem matou a pintura porque fez tudo o que era possível fazer em termos de revolução de conceitos.

[CP]: Depois de uma vida inteira a pintar, fica com mais respostas ou mais perguntas?
[MOS]: O meu património é mais povoado por questões do que por respostas. Há, no entanto, uma resposta que me satisfaz: as grandes colecções do país têm obras minhas. Isso diz-me que tenho alguma qualidade.

MONTEMOR PREPARA A FEIRA ONDE CABE UM CONCELHO INTEIRO

Durante onze dias, as Festas Concelhias voltam a juntar música, gastronomia, comércio, associações e tradições no Largo da Feira. Antes de as portas abrirem, Montemor-o-Velho já vive entre montagens, encomendas, ensaios e uma contagem decrescente que envolve todo o território.

A Feira do Ano começa muito antes do primeiro aplauso"

Ainda não se ouve música, não há filas junto às tasquinhas e os carrosséis permanecem silenciosos. No Largo da Feira, porém, já começou a contagem decrescente. Montam-se estruturas, distribuem-se espaços, preparam-se cozinhas, confirmam-se horários e afinam-se os últimos detalhes de uma organização que, durante onze dias, transformará Montemor-o-Velho num grande ponto de encontro. De 29 de Agosto a 8 de Setembro, as Festas Concelhias e a Feira do Ano regressam com música, gastronomia, comércio, tradição e dezenas de entidades empenhadas em mostrar o que de melhor se faz no território.

A poucos dias da inauguração, o recinto ainda parece uma construção por terminar. Onde em breve haverá mesas cheias, música e milhares de passos, encontram-se agora estruturas metálicas, cabos, viaturas de apoio e trabalhadores concentrados em tarefas que o público dificilmente verá. A Feira do Ano nasce assim: não de um momento para o outro, mas através de uma sucessão de pequenos trabalhos, decisões e preocupações.



Festas Concelhias decorrem de 29 de Agosto a 8 de Setembro no Largo da Feira

Cada banca tem um lugar marcado. Cada tasquinha precisa de água, electricidade, equipamentos, mesas e voluntários. Cada concerto exige condições técnicas, segurança e horários rigorosos. E cada expositor chega com a expectativa de mostrar o seu trabalho, conquistar novos clientes ou, simplesmente, voltar a encontrar o público que visita o certame todos os anos.

Um concelho em exposição

A Feira do Ano é, antes de mais, uma grande montra de Montemor-o-Velho. Durante o evento, o território apresenta-se através do artesanato, do comércio, da indústria, dos serviços, da agricultura, da maquinaria, do sector automóvel, da doçaria e da gastronomia. O recinto contará ainda com espaços de animação, petisqueiras, bares, comida de rua e feira popular.

Não se trata apenas de ocupar o Largo da Feira durante alguns dias. Para muitas associações, empresas e colectividades, esta é uma oportunidade de mostrar o trabalho desenvolvido ao longo do ano. Algumas chegam com produtos para vender; outras trazem projectos, actividades, tradições ou causas que procuram divulgar. Nas tasquinhas, o objectivo passa também por angariar receitas essenciais para manter equipas, comprar equipamentos, organizar actividades ou recuperar instalações.

Por detrás de cada espaço haverá, por isso, uma

PUBLICIDADE



MONTEMOR PREPARA A FEIRA ONDE CABE UM CONCELHO INTEIRO

pequena história. Há associações que começam a preparar a participação várias semanas antes, dividindo turnos e procurando voluntários. Há famílias que regressam todos os anos ao mesmo lugar. Há feirantes que conhecem o recinto quase de memória e empresas que aproveitam estes dias para chegar a um público diferente daquele que encontram habitualmente.

É esta mistura que torna difícil resumir a Feira do Ano numa única definição. É festa, mas também é economia. É espectáculo, mas continua a ser lugar de comércio. É ponto de encontro, sem deixar de ser espaço de afirmação das freguesias, das associações e das tradições locais.

Apesar do crescimento da programação cultural e da presença de artistas nacionais, a identidade da Feira continua ligada às suas origens. A venda de produtos agrícolas, a Feira das Cebolas, a roupa velha, as velharias e o movimento dos vendedores permanecem associados à celebração do Feriado Municipal, a 8 de Setembro.

Nesse dia, mantém-se um dos gestos mais reconhecíveis da tradição local: comprar um cambo de cebolas e transportá-lo ao ombro. O costume atravessou gerações e continua a recordar que, antes dos palcos, das luzes e dos grandes concertos, a Feira do Ano já era um lugar de encontro entre o campo, a vila e as populações da região.

Para os visitantes mais antigos, será também uma oportunidade de regressar a hábitos que fazem parte da memória colectiva. Para os mais novos, a organização procura criar razões diferentes para visitar o recinto: concertos, animação, espaços de convívio, feira popular e propostas dirigidas a vários públicos.

A dificuldade e também o segredo está em colocar todas estas experiências dentro da mesma Feira. O visitante que chega para assistir a um concerto cruza-se com quem procura um produto agrícola. A família que se senta numa tasquinha encontra o feirante que começa a trabalhar de madrugada. O jovem que chega atraído pela música poderá descobrir uma associação ou uma tradição que desconhecia.

A festa que começa antes da festa

Para o público, a Feira começará no momento em que as portas abrirem. Para quem a prepara, começou muito antes.

Nas semanas anteriores ao evento, fazem-se encomendas, fecham-se contratos, preparam-se ementas, confirmam-se artistas e afinam-se planos de segurança, trânsito, limpeza e emergência. Os comerciantes da vila antecipam maior movimento, os restaurantes organizam equipas e as associações calculam quantas refeições conseguirão servir.

A FEIRA EM RESUMO

Quando: 29 de Agosto a 8 de Setembro
Onde: Largo da Feira, Montemor-o-Velho
Duração: 11 dias
Entrada: Livre
O que encontrar: Concertos, animação, artesanato, comércio, indústria, serviços, maquinaria agrícola, automóveis, tasquinhas, doçaria, petisqueiras, bares, comida de rua e feira popular
Data central: 8 de Setembro, Feriado Municipal
Tradições: Feira das Cebolas, roupa usada, velharias, produtos agrícolas e comércio a céu aberto

A FEIRA TAMBÉM SE SERVE À MESA

Entre tasquinhas, doçaria, petiscos e comida de rua, a gastronomia volta a ser uma das grandes portas de entrada na Feira do Ano. Para as associações, cada refeição representa muito mais do que um prato servido: ajuda a financiar actividades, equipamentos e projectos que continuam depois de o recinto fechar.



Nas tasquinhas, a preparação começa semanas antes de as primeiras mesas receberem clientes.

Há quem entre na Feira do Ano a pensar no concerto e acabe sentado à mesa. Há quem faça precisamente o caminho contrário: chega com um prato em mente e só depois decide se fica para a música. Em Montemor-o-Velho, a gastronomia não funciona como simples acompanhamento do programa. É uma das razões pelas quais muitas famílias regressam todos os anos.

De 29 de Agosto a 8 de Setembro, o Largo da Feira voltará a reunir tasquinhas, espaços de doçaria, petisqueiras, bares, comida de rua e um bar temático. A organização abriu igualmente lugar à exploração de um posto de venda de café na Tenda da Doçaria, que funcionará durante todos os dias do certame.

No recinto encontrar-se-ão propostas muito diferentes. De um lado, pratos que pedem mesa, talheres e algum tempo. Do outro, refeições rápidas, petiscos e opções pensadas para quem quer continuar a percorrer a Feira. Pelo meio, a doçaria deverá voltar a representar um território onde não faltam especialidades com identidade própria.

É também à mesa que melhor se percebe a importância das associações. A participação numa tasquinha exige semanas de preparação. É necessário definir a ementa, calcular quantidades, encomendar produtos, montar equipas e distribuir turnos. Depois chegam os dias de maior movimento, quando todos acabam por fazer um pouco de tudo: servir, cozinhar, levantar mesas, procurar trocos ou descobrir onde foi parar o pedido que alguém jurava já ter entregado.

O ambiente pode ser descontraído, mas as contas são sérias. As receitas obtidas durante a Feira permitem muitas vezes suportar despesas ao longo do ano, adquirir equipamentos, organizar iniciativas ou melhorar instalações. Uma refeição servida no Largo da Feira pode, assim, ajudar uma colectividade a comprar instrumentos, vestir uma equipa, manter uma sede ou preparar a actividade seguinte.

Um concelho que se prova

A gastronomia também ajuda a contar o território. Nas cozinhas cruzam-se receitas familiares, produtos locais, pratos populares e modos de fazer que passaram de geração em geração. Há cozinheiros que não precisam de consultar quantidades e voluntários que sabem, apenas pelo movimento da sala, quando está prestes a começar a maior correria da noite.

PUBLICIDADE


PUBLICIDADE
Catarino & Moreira, Lda.
INSTALAÇÕES TERMOMECÂNICAS
CALDEIRAS INDUSTRIAIS
Tel. 239 962 599 | Telm. 919 776 212
Email. geral@catarinomoreira.pt
Zona Industrial de Tentúgal | Outeiros
3140-580 Tentúgal | Montemor-o-Velho

GRATUITEMA, S.A.
CONSTRUÇÃO CIVIL, TERRAPLANAGENS E OBRAS PÚBLICAS
Rua de Lavariz, n.º 6 - 3140-094 Carapinheira | Montemor-o-Velho Apartado 019 | 3141-909 Montemor-o-Velho
Telef.: 239 623 551 - Telem.: 916 449 754 | geral-gratuitema@sapo.pt

BASMOITA
Basculantes da Serra da Moita, Lda.
Leonel | Sócio Gerente | 235 712 143 Resid.
FABRICANTES DE:
• BÁSCULAS • CARROÇARIAS • KITES EM ALUMÍNIO
Tlf./Fax: 235 713 731 | Tlm. 964 456 719 | E-mail: basmoita@sapo.pt
Serra da Moita | 3420-035 Carapinha (Tábua)

Congelados Sousa
comércio de produtos alimentares congelados
marsousa
O sabor da qualidade
Tlf. 239 607 221 / Tlm.964 010 142
marsousacongelados@gmail.com
Amieiro - Montemor o Velho

FEIRA DO ANO CELEBRA 600 ANOS COM MAIS ESPAÇO E UM DIA EXTRA

A Feira do Ano regressa a Montemor-o-Velho com uma edição marcada pela celebração de seis séculos de história. Durante 11 dias, o certame volta a reunir tradição, cultura, associativismo, actividade económica e entretenimento, num programa pensado para diferentes gerações e com entrada livre.

Para José Veríssimo, presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, a longevidade é apenas uma das características que tornam o evento singular. "A Feira do Ano distingue-se, desde logo, pela sua forte identidade e por uma tradição que este ano assinala 600 anos de história", afirma, destacando a participação do movimento associativo e do tecido económico local.

Apesar das raízes históricas, a organização procura acompanhar as mudanças e melhorar a experiência do público. Uma das novidades de 2026 é o prolongamento do evento por mais um dia. O recinto foi também reorganizado para ficar mais centrado nos visitantes, com alterações na Morlândia, um dos espaços mais procurados pelas crianças, e na área dedicada ao mundo animal. O objectivo é proporcionar melhores condições de circulação, visita e fruição.

A edição deste ano contará com cerca de 220 expositores, num crescimento que, segundo o autarca, confirma "a vitalidade da Feira do Ano e a capacidade de que o certame tem para atrair empresas, entidades, associações e participantes de diferentes áreas".

A construção de um programa capaz de chegar a públicos tão diversos resulta, explica, de um trabalho colectivo. "Não há um segredo, nem uma receita mágica. Cada edição da Feira do Ano resulta de um verdadeiro trabalho de equipa, em que procuramos reunir contributos, ouvir as pessoas e tentar responder às suas expectativas".



José Veríssimo destaca a identidade, a tradição e a capacidade de renovação da Feira do Ano

A dimensão familiar permanece como um dos principais pilares do evento. A intenção é que cada visitante encontre propostas adequadas aos seus interesses, sem perder a possibilidade de partilhar a experiência com familiares e amigos. Embora mantenha uma forte ligação aos montemorenses, a Feira do Ano já ultrapassou as fronteiras do concelho. "É, cada vez mais, um evento que marca o panorama regional", sublinha o presidente da Câmara, apontando a autenticidade, a história e a diversidade cultural como factores de atracção.

ONZE DIAS PARA AGRADAR A VÁRIAS GERAÇÕES

Bárbara Bandeira abre os concertos e os Sons do Minho encerram a Feira do Ano. Pelo meio, o cartaz já confirmado atravessa a pop, o fado, a música urbana, os ritmos electrónicos, o country e as sonoridades de inspiração alentejana.

Construir o programa musical de uma festa concelhia é uma espécie de exercício de equilíbrio. É preciso chegar aos mais novos sem afastar quem procura música popular, trazer nomes conhecidos sem deixar o cartaz preso a um único género e criar grandes noites sem esquecer que a Feira é visitada por famílias inteiras.

A edição de 2026 parece procurar precisamente essa diversidade. Bárbara Bandeira dará início aos concertos no dia 29 de Agosto, abrindo onze dias de programação com uma proposta dirigida a um público que cresceu a acompanhar a nova pop portuguesa. A artista regressa este ano com uma fase musical marcada pelo projecto "Lusa: Ato II", no qual cruza uma linguagem contemporânea com referências à saudade, à memória e à identidade portuguesa.



O Palco Principal volta a receber artistas de diferentes géneros e dirigidos a várias gerações

A 31 de Agosto será a vez de Mickael Carreira, que regressa a Montemor-o-Velho no ano em que assinala duas décadas de carreira. O concerto deverá juntar temas recentes aos êxitos que lhe permitiram atravessar diferentes gerações de público.

> **"O cartaz muda de sotaque praticamente todas as noites"**

No dia 2 de Setembro, SYRO levará ao recinto uma sonoridade construída entre a pop e a interpretação emocional. Segue-se, a 3 de Setembro, Zé Amaro, com um espectáculo marcado pelos ritmos country e por uma relação próxima com o público.

A noite de 4 de Setembro será uma das mais dirigidas ao público jovem. Deejay Telio representa as sonoridades urbanas, enquanto KURA levará a música electrónica ao recinto. O DJ e produtor português, com presença em grandes festivais internacionais, promete trans- →

PUBLICIDADE



ONZE DIAS PARA AGRADAR A VÁRIAS GERAÇÕES

OS CONCERTOS

29 de Agosto — Bárbara Bandeira
Pop e nova música portuguesa.

31 de Agosto — Mickael Carreira
Duas décadas de carreira e canções conhecidas de várias gerações.

2 de Setembro — SYRO
Pop, emoção e proximidade.

3 de Setembro — Zé Amaro
Ritmos country e música popular.

4 de Setembro — Deejay Telio e KURA
Sonoridades urbanas e música electrónica.

6 de Setembro — Sara Correia
Fado com força interpretativa e linguagem contemporânea.

7 de Setembro — Vizinhos
Pop com inspiração e identidade alentejanas.

8 de Setembro — Sons do Minho
Encerramento em ambiente de festa popular.

formar Montemor-o-Velho numa pista de dança.

A 6 de Setembro, o ambiente muda com Sara Correia. A fadista levará à Feira uma interpretação intensa, assente na tradição, mas aberta a uma linguagem musical contemporânea. No dia seguinte, os Vizinhos cruzam pop, boa disposição e influências alentejanas num concerto pensado para ser cantado em conjunto.

O encerramento, a 8 de Setembro, ficará entregue aos Sons do Minho, num regresso à música popular e ao ambiente de romaria.

Um cartaz que muda de sotaque todas as noites

Mais do que reunir artistas, a programação desenha diferentes maneiras de viver a Feira. Há noites para ouvir com atenção, noites para cantar refrões conhecidos e outras em que ficar parado será provavelmente a opção mais difícil. Essa alternância pode ser uma das vantagens do evento. Quem não se identifica com um artista poderá regressar noutro dia e encontrar um ambiente completamente diferente. A Feira deixa, assim, de depender de um único público e transforma-se num programa capaz de acompanhar várias idades e hábitos musicais.

A entrada livre reforça essa possibilidade de descoberta. Não é necessário comprar bilhete para arriscar num concerto que se conhece menos, nem escolher antecipadamente uma única noite. Pode entrar-se pela gastronomia, pelo comércio ou pela feira popular e acabar diante do palco.

É também aí que os grandes nomes nacionais encontram o território. O visitante que chega por causa de um artista atravessa espaços de artesanato, empresas, associações, doçaria e restauração. A música gera movimento, mas o recinto tenta distribuir essa atenção por tudo o que existe em redor.

O outro palco da Feira

O programa artístico não se esgota necessariamente nos cabeças de cartaz. A identidade da Feira do Ano tem sido construída também pela presença de músicos, grupos de dança, ranchos, filarmónicas e projectos do concelho.

Contudo, a própria apresentação institucional da Feira associa o evento à tradição, à gastronomia, à actividade económica e ao dinamismo do movimento associativo.

É nesse segundo nível do programa que a Feira ganha uma voz verdadeiramente local. Um grande concerto pode atrair milhares de pessoas, mas são os grupos do território que ligam o evento à vida quotidiana do concelho.

Durante onze dias, o palco terá vários sotaques. Haverá pop, fado, música urbana, electrónica, country e sonoridades populares. E haverá, sobretudo, diferentes motivos para voltar.

PARA ALÉM DO PALCO

A Feira do Ano integra várias áreas que podem ser visitadas antes e depois dos concertos:

- **Artesanato concelhio;**
- **Comércio, indústria e serviços;**
- **Maquinaria agrícola;**
- **Automóveis;**
- **Tasquinhas e doçaria;**
- **Petisqueiras e bares;**
- **Comida de rua;**
- **Feira popular.**

A VELHA FEIRA AINDA MORA DENTRO DA FESTA

Muito antes dos grandes concertos, dos bares e da feira popular, já Montemor-o-Velho recebia vendedores, agricultores e compradores. A Feira do Ano continua a guardar essa memória nas cebolas, na roupa usada, nas velharias e no comércio a céu aberto.

É possível visitar a Feira do Ano sem comprar cebolas. Mas será mais difícil compreender verdadeiramente a sua história sem olhar para elas.

Hoje, o evento ocupa onze dias, recebe artistas nacionais e apresenta uma oferta que vai da comida de rua à maquinaria agrícola. Contudo, no interior dessa grande festa permanece uma feira muito mais antiga, feita de bancas, pregões, produtos agrícolas, roupa, utensílios e negócios realizados a céu aberto.

A Feira do Ano, a Feira da Roupa Velha e a Feira das Cebolas pertencem à memória colectiva de Montemor-o-Velho. A organização mantém reservados espaços para roupa usada e velharias, farturas e bares, produtores agrícolas e vendedores de diferentes tipos de mercadoria.

Em 2026, a reserva de lugares para os restantes feirantes foi organizada por sectores. Um dos dias destina-se aos produtores agrícolas e aos produtos alimentares; outro aos têxteis, vestuário, calçado, malas, marroquinaria, louças e plásticos; o último à cordoaria, ao mobiliário e às ferragens.

A enumeração parece saída de um inventário doméstico, mas é precisamente essa diversidade que define uma feira tradicional. Pode entrar-se à procura de fruta e sair com uma toalha, uma ferramenta, um par de sapatos ou um objecto cuja utilidade só se descobrirá depois.

O prazer de encontrar o que não se procurava

As feiras sobrevivem porque oferecem algo que o comércio convencional raramente consegue reproduzir: a possibilidade de procurar sem saber exactamente o quê.

Há bancas onde o produto é apresentado com rigor e outras onde encontrar alguma coisa implica observar, remexer e perguntar. Há compradores decididos e visitantes que passam uma hora a garantir que não querem nada, antes de regressarem carregados.

A roupa usada e as velharias acrescentam à Feira uma dimensão quase arqueológica. Cada objecto parece trazer uma história, ainda que ninguém saiba ao certo qual é. Uma peça de louça pode ter atravessado várias casas. Uma ferramenta antiga pode encontrar um novo dono. Uma mala esquecida durante anos pode regressar à rua.

Também os vendedores fazem parte da paisagem humana do evento. Alguns conhecem as melhores horas, os lugares com maior movimento e as mudanças do tempo apenas pela experiência.

A agricultura no centro da identidade

A presença de maquinaria agrícola, produtores e alimentos recorda a ligação de Montemor-o-Velho ao Baixo Mondego. A Feira funciona como espaço de exposição, mas também como símbolo de um território onde a actividade agrícola continua a marcar a economia, a paisagem e a identidade local.

Ao lado dos produtos tradicionais estarão automóveis, empresas de serviços, negócios locais e propostas comerciais contemporâneas. Esse encontro entre sectores ajuda a perceber a evolução da própria Feira. O certame cresceu e modernizou-se, mas não apagou as suas origens.

É precisamente essa convivência que lhe dá carácter. A banca de cebolas pode ficar a poucos minutos de um concerto de música electrónica. Um expositor de maquinaria agrícola partilha o recinto com uma escola de dança, uma tasquinha ou um espaço de doçaria. A Feira antiga e a festa moderna não existem em dias separados: cruzam-se permanentemente.

O dia em que o concelho celebra a sua história

O encerramento coincide com o Feriado Municipal, assinalado a 8 de Setembro. É nesse dia que a dimensão institucional, a tradição e a festa se encontram de forma mais evidente.

O visitante poderá chegar atraído pelo último concerto, mas encontrará uma celebração com raízes anteriores ao próprio programa musical. Para muitos montemorenses, a passagem pela Feira não depende sequer do cartaz. É um hábito familiar, uma data de reencontro e uma espécie de compromisso com a terra.

A Feira do Ano mudou porque o concelho também mudou. Tem novos públicos, novas formas de consumo e uma programação mais abrangente. Mas continua a reservar espaço para aquilo que não caberia facilmente num festival: os vendedores, as associações, a agricultura, as empresas, as cebolas, as velharias e o prazer de percorrer bancas sem destino certo.

PUBLICIDADE









O dueto musical Calema vai actuar no concerto de abertura do ano lectivo da Universidade de Coimbra, que decorrerá dia 9 de Setembro, a partir das 20h30, no Largo da Porta Férrea. O espectáculo - com abertura pela Big Band Rags (da Tuna Académica da UC) - tem entrada livre, sem necessidade de levantamento prévio de bilhete. O concerto será antecedido pelas mensagens de boas-vindas do Reitor da UC e do presidente da AAC.

NOVO CICLO

RECORDE DE COLOCADOS MARCA ANO DE SUCESSÃO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Com 3.864 candidatos colocados e 98,4% das vagas preenchidas, a instituição estreia Engenharia Aeroespacial, adopta regras para a inteligência artificial e prepara a escolha do sucessor de Amílcar Falcão.

MARCELO DOMINGUES

A Universidade de Coimbra (UC) que regressa às aulas não é exactamente a que terminou o último semestre. O novo ano lectivo traz a estreia do curso de Engenharia Aeroespacial, regras expressas para o uso da inteligência artificial na avaliação e o processo de sucessão de Amílcar Falcão, com dois candidatos já assumidos à Reitoria.

Prossegue também a integração administrativa da Escola Superior de Enfermagem. A chegada prevista do Metrobus ao centro deverá alterar dezenas de percursos dos estudantes.

Com recordes, obras e alterações regulamentares, a mudança não se concentra num único momento. Algumas medidas entram em vigor antes das aulas, enquanto outras só deverão produzir efeitos durante o primeiro semestre do ano lectivo.

Na primeira fase do concurso nacional de acesso, foram colocados 3.864 candidatos na UC, o que corresponde a 98,4% das 3.927 vagas disponibilizadas e representa o número mais elevado de sempre. São mais 389 do que em 2025, um crescimento de 11,2%. As matrículas encerram-se hoje, pela Internet ou no Student Hub, na Alta.

A subida acompanha a tendência nacional. Na primeira fase, foram colocados 49.991 candidatos no sector público, mais 13,9% do que em 2025. A UC cresceu 11,2%, acima dos 8,1% registados no conjunto das universidades públicas.

Reitoria em sucessão

O Conselho Geral decidiu, a 29 de Junho, iniciar o processo de eleição do sucessor de Amílcar Falcão, cujo segundo mandato termina a 28 de Fevereiro de 2027.

Embora o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior passe a prever a eleição directa do reitor pela comunidade académica, este processo mantém o modelo actual, com escolha pelo Conselho Geral, ao abrigo do regime transitório da nova lei. Carlos Robalo Cordeiro, director da Faculdade de Medicina, e Alfredo Dias, vice-reitor para o Património, Edificado e Turismo, já assumiram candidaturas.

Engenharia Aeroespacial ofereceu 40 vagas na primeira edição, todas preenchidas, e o último colocado pelo contingente geral entrou com 17,2 valores.

Aeroespacial descola

Engenharia Aeroespacial é a principal novidade da oferta. As 40 vagas da primeira edição foram preenchidas e o último colocado no contingente geral entrou com 17,2 valores. É uma das entradas mais selectivas da UC, abaixo de Medicina, com 18,07 valores, Medicina Dentária, com 17,9, e Arquitectura, com 17,55, igualmente sem vagas sobrantes.

Se nesses cursos a procura esgotou a oferta, noutros ficaram lugares disponíveis para a segunda fase. Química ficou com 17 vagas, Engenharia do Ambiente com 15, Engenharia Naval e Oceânica com 13, Engenharia Física com 12 e Química Medicinal com 10. A diferença global entre vagas e colocados é de 63.

A Escola Superior de Enfermagem, integrada na UC desde o ano passado, preencheu as 311 vagas, com 14,9 valores no último colocado. É o segundo ano lectivo da Escola integrada na Universidade, mas a transição administrativa, financeira e informática está prevista até 28 de Fevereiro de 2027.

Dormitórios nas contas

Conseguir lugar no curso é apenas o primeiro desafio dos estudantes. Para quem muda de cidade, o próximo é saber onde dormir. As candidaturas às residências dos Serviços de Acção Social abriram a 21 de Agosto, mas nem todas as camas anunciadas estarão disponíveis no início das aulas.

As residências dos Combatentes, com 90 camas, e da Alegria, com 42, reabriram em Junho, depois de requalificadas. As residências Luís de Camões, com 156 camas, António José de Almeida, com 202, e Monumentais, com 41, terão, no total, 399 lugares. A Universidade prevê que abram «nos próximos meses, durante o primeiro semestre do ano lectivo». Não são, portanto, uma oferta garantida para o primeiro dia de aulas.





Carlos Robalo Cordeiro, director da Faculdade de Medicina, e Alfredo Dias, vice-reitor para o Património, Edificado e Turismo, já assumiram candidaturas à sucessão de Amílcar Falcão na Reitoria da UC



Residência da Alegria, com 42 camas, reabriu em Junho depois de obras de requalificação. Fundada em 1948, é a mais antiga da cidade e, provavelmente, do país

Na inauguração das duas residências requalificadas, em Junho, o reitor, Amílcar Falcão, ligou o investimento ao problema do alojamento dos estudantes deslocados. «Estas duas reabilitações vão aumentar a nossa oferta de camas de forma substancial, algo muito importante num momento em que a habitação é um dos travões da vinda de estudantes deslocados», afirmou.

As cinco intervenções custarão, no total, cerca de 25 milhões de euros e devem elevar a capacidade instalada para perto de 1.500 camas.

Na residência Luís de Camões, o Governo autorizou a UC a assumir uma despesa global máxima de 11,37 milhões de euros, acrescida de IVA, face a um valor de adjudicação de 9,65 milhões. A resolução invoca trabalhos complementares, erros e omissões, revisão de preços e mau tempo. O prazo para a conclusão da obra termina a 31 de Agosto.

No apoio aos estudantes, entra em vigor uma bolsa de incentivo de 1.075 euros, acumulável com a bolsa de estudo, para quem ingressa pela primeira vez e pertence a agregados do primeiro escalão do abono de família. Os estudantes elegíveis recebem-na automaticamente após a matrícula.

Os bolseiros deslocados recebem um complemento de alojamento de cerca de 161 euros mensais. Quem pedir vaga numa residência e não a obtiver pode ver o apoio ao alojamento subir ao valor de referência do concelho. Em Coimbra, são 338 euros.

Na alimentação, os Serviços de Acção Social dispõem de 18 unidades. A refeição social custará dois euros aos bolseiros e 2,40 euros aos restantes estudantes.

Inteligência artificial

A partir de 1 de Setembro, a inteligência artificial generativa só pode ser usada em trabalhos, testes ou outros elementos de avaliação quando o docente a autorizar expressamente e indicar as ferramentas, o modo e os limites. A alteração ao Regulamento Académico foi publicada a 19 de Agosto.

A norma não proíbe a tecnologia no ensino. Obriga a explicitar as regras de cada avaliação e distingue a assistência autorizada da fraude ou do plágio.

O regulamento revisto permite ainda que estudantes internacionais peçam alteração ou desistência da inscrição se provarem que requereram o visto a tempo e não obtiveram resposta ou agendamento consular. A medida tem efeitos na propina e exige requerimento e prova documental.

A renovação estende-se ainda à área privada digital, que transita para uma nova interface até ao fim de Setembro, quando a versão antiga será descontinuada. O primeiro mês lectivo decorrerá com os dois acessos.

Mudanças no mapa

Há ainda quem volte sem regressar ao edifício habitual. O Departamento de Arquitectura está repartido por vários espaços desde que a tempestade Kristin danificou o Colégio das Artes, em Janeiro. A primeira fase da obra ultrapassa três milhões de euros e o investimento total pode exceder 10 milhões.

Durante uma visita às obras, em Julho, o arquitecto e docente Jorge Figueira afirmou que a reabilitação é uma história com muitos anos. «Este é um local muito importante e que vai ficar ainda mais um edifício único, raro, e digno daquilo que já é: uma referência daquilo que são as escolas de arquitectura».

A Câmara aponta 10 de Setembro para a chegada do Metrobus à Praça da República e à estação de Coimbra-B, dependendo dos testes operacionais. A reorganização prevê alterações em dezenas de percursos dos SMTUC e na circulação na Baixa. Se a data se confirmar, os trajectos mudarão três dias depois do início das aulas.

Até 30 de Agosto, a UC recruta alunos dos anos mais avançados para o UC Connect. O ano lectivo começa a 7 de Setembro, com a primeira semana reservada à formação, integração e acolhimento. No dia 9, às 20h30, os Calema dão o concerto de abertura na Porta Férrea. As licenciaturas e os mestrados integrados param para a Latada entre 30 de Setembro e 2 de Outubro. A abertura solene está marcada para 7 de Outubro.

O culminar da 3.ª edição do Orquestrae decorrerá no CAE da Figueira da Foz com um dos nomes mais carismáticos da música portuguesa: Toy. O cantor, compositor e autor de mais de 3.000 canções sobe ao palco do Grande Auditório, no dia 14 de Novembro, às 21h30, acompanhado pelas Banda Filarmónica Maiorquense e a Filarmónica de Alhadas.

FUSÃO DA MISERICÓRDIA COM OBRA DA FIGUEIRA REFORÇOU ÁREA SOCIAL

A Santa Casa da Misericórdia da Figueira da Foz assinalou a 9 de Agosto os 50 anos da fusão com a Obra da Figueira, processo que deu origem à então denominada Santa Casa da Misericórdia--Obra da Figueira e reforçou a resposta social no concelho. Esta união das duas entidades permitiu concentrar recursos e esforços na prestação de apoio social, contribuindo para melhorar a qualidade de vida de muitos utentes e reforçar a solidariedade neste território. O processo de fusão decorreu ao longo da década de 1970 e, de acordo com os registos históricos da instituição e com a obra "Evolução Histórica: originalidade e modernidade", de António Ventura, investigador na área da História, publicada em 2015, não foi isento de dificuldades. Em meados da década de 1960, o enquadramento legislativo promovido pelo Estado incentivou a reorganização das Misericórdias, criando condições para a aproximação entre instituições de solidariedade. Em Fevereiro de 1970, a imprensa local já dava conta de contactos entre a Misericórdia e a Obra da Figueira. Na altura, o provedor Severo da Silva Biscaia apresentou o assunto à discussão dos mesários, que aprovaram por unanimidade o início do processo. A primeira reunião conjunta entre representantes das duas instituições realizou-se a 6 de Julho desse ano, tendo sido criada uma comissão instaladora responsável pela elaboração de novos estatutos e pela preparação da futura gestão conjunta. O processo de fusão foi oficialmente formalizado através de despacho do secretário de Estado da Segurança Social, datado de 9 de Agosto de 1976, que determinou a fusão das duas entidades numa única instituição. "Meio século passou e o resultado desta fusão é bastante positivo em prol do bom estar e da solidariedade dos mais carenciados", considerou a Santa Casa da Misericórdia.

FESTALHADAS REGRESSA COM MAIS TRADIÇÃO

A freguesia das Alhadas acolhe mais uma edição do "FestAlhadas", que decorrerá de amanhã (dia 28) a domingo (30 de Agosto) sob o mote "Regresso às Origens" e com um certame que junta cultura, desporto, gastronomia tradicional e artesanato no Largo da Piscina de Alhadas. A festa começa na sexta-feira, pelas 20h00, com a abertura oficial das tasquinhas e uma exposição na Escola EB 2/3 Pintor Mário Augusto. O primeiro dia inclui a actuação do Grupo de Cantares da Sociedade Boa União Alhadense (SBUA), seguindo-se baile animado pelo Grupo Music4U e o DJ Pancadão. No sábado, as tasquinhas abrem às 15h00 e realiza-se uma edição especial do evento de orientação "Quartas c/ Mapa 2026", promovido pela ADM Ori--Mondego na escola EB 2/3 Pintor Mário Augusto. A noite será preenchida com a actuação do Rancho Folclórico do Ateneu Alhadense, o tradicional desfile de vestidos de chita, animação musical de Manel Coelho & Banda e do DJ Hugo Vieira. A União Motorizada Alhadense (UMA) convida todos os apaixonados por motorizadas clássicas, scooters e pequenas cilindradas para um passeio que a 30 de Agosto irá percorrer estradas panorâmicas entre o campo, a serra e o mar, com passagem por locais emblemáticos como Praia Fluvial dos Olhos da Fervença, Tocha, Quiaios e Serra da Boa Viagem, terminando nas Alhadas. A tarde de domingo inclui o desfile etnográfico a partir da Rua da Fonte Quente, às 15h00, em direcção à Piscina Municipal, com o programa a encerrar com o concerto da Banda Filarmónica da SBUA (18h00), a cerimónia protocolar (18h30), o espectáculo do Grupo de Dança Traquinas (21h30) e música pelo Grupo AFK (22h00).

TRÊS PROJECTOS DA ULS DO BAIXO MONDEGO DISTINGUIDOS PELA DIRECÇÃO-GERAL DA SAÚDE



Profissionais da ULS do Baixo Mondego levam a promoção da saúde e do bem-estar às escolas da região

Três projectos desenvolvidos pela Unidade Local de Saúde do Baixo Mondego (ULS BM) receberam a menção de "Boa Prática em Saúde Escolar 2025", atribuída pela Direcção--Geral da Saúde (DGS). O reconhecimento resulta de um processo de avaliação coordenado pela Equipa de Coordenação Técnica Nacional do Programa Nacional de Saúde Escolar e destaca iniciativas dirigidas à promoção do bem-estar, à prevenção da doença e ao reforço da literacia em saúde entre crianças e jovens. Entre os projectos distinguidos encontra-se o "Quero Crescer Forte", que trabalha, de forma lúdica, temas como a alimentação saudável e a saúde física e mental. A iniciativa envolve profissionais de saúde, educadores e famílias, procurando criar uma intervenção conjunta em áreas consideradas essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças. A menção foi também atribuída ao "Projecto Decisões", orientado para a capacitação dos alunos na adopção de estratégias favoráveis à saúde mental e ao bem-estar. O trabalho desenvolvido procura melhorar a literacia em saúde e preparar os jovens para tomarem decisões mais conscientes e informadas. Já o projecto "Jovens Embaixadores da Saúde – Promoção da Literacia em Saúde através da Educação pelos Pares" coloca os próprios jovens no centro do processo. Através da educação entre pares, são criadas iniciativas educativas com o acompanhamento de profissionais de saúde, aproximando a informação dos alunos e tornando-os participantes activos na sua divulgação. Para a ULS do Baixo Mondego, esta distinção nacional valoriza o trabalho realizado pelas equipas de saúde em articulação com escolas, famílias e restantes parceiros da comunidade. O reconhecimento reforça ainda a importância de começar cedo a educação para a saúde, dando às novas gerações ferramentas para fazerem escolhas mais favoráveis ao seu bem-estar. Os três projectos serão divulgados em breve no Repositório de Boas Práticas em Saúde Escolar, disponível no portal da Direcção-Geral da Saúde. A ULS do Baixo Mondego felicita todos os profissionais, parceiros, crianças, jovens e famílias que participaram na concepção e concretização das iniciativas.

PJ DETÉM HOMEM PROCURADO NO BRASIL POR ABUSO DE IRMÃ

A Polícia Judiciária (PJ) deteve na Figueira da Foz um homem de 31 anos procurado pelas autoridades brasileiras por suspeita de abuso sexual de uma irmã de 13 anos, na sequência de um mandado de detenção internacional. Esta detenção foi realizada no dia 17 de Agosto pela Unidade de Informação Criminal da PJ, que localizou o suspeito na Figueira da Foz, em cumprimento de um mandado emitido pelas autoridades judiciárias brasileiras. Segundo a PJ, o homem está fortemente indiciado da prática de um crime de abuso sexual de crianças, sendo suspeito de, em duas ocasiões, ter submetido a vítima, de 13 anos e sua irmã, a actos sexuais de relevo no interior da residência.

POMBAL PROMOVE CONCURSO START-UP

O Município de Pombal volta a promover o Startup Pombal, um concurso que desafia empreendedores a desenvolver e apresentar projectos inovadores, contribuindo para apoiar o talento local, o fortalecimento do ecossistema empreendedor, da inovação e da competitividade do concelho. O Startup Pombal é uma iniciativa do Município de Pombal, em colaboração com a Universidade de Leiria e Oeste, as Juntas de Freguesia do concelho, a Associação Empresarial do Concelho de Pombal (AECP), a Associação Industrial e Comercial de Pombal (AICP) e os estabelecimentos de ensino secundário do concelho. As candidaturas decorrem até 14 de Setembro e podem participar cidadãos com 18 ou mais anos, individualmente ou em equipa, com uma ideia de negócio ou uma empresa criada há menos de um ano. Os projectos seleccionados terão acesso a um programa de capacitação e irão ter a oportunidade de apresentar a sua ideia numa sessão final de pitch, habilitando-se à atribuição de prémios e outros apoios ao desenvolvimento do negócio. Na edição de 2025, cuja fase final decorreu na Casa Varela, o 1.º lugar foi atribuído a Dora Gomes, com o projecto "O Seu Lar", uma plataforma digital dedicada à ligação entre cuidadores e idosos, que permite comparar serviços, localizar profissionais, aceder a conteúdos educativos e gerir de forma integrada todo o processo de acompanhamento. O 2.º lugar foi atribuído a José Morim e Hugo Eusébio, com o projecto "CyberHook", dedicado à prevenção de fraude financeira e ao reforço da cibersegurança das empresas. O 3.º lugar foi entregue a Ana Carolina Dias, com o projecto "Flowher", focado na literacia menstrual, fertilidade natural e saúde reprodutiva, através de consultas, workshops, programas escolares e conteúdos educativos que visam democratizar o acesso à informação e promover hábitos mais conscientes e sustentáveis. O Município de Pombal cria assim palco para a potenciação da criatividade e espírito empreendedor, valorizando o talento e a visão de futuro, com projectos que impulsionam o dinamismo do território.

POMBAL APOIA LIMPEZA DA ÁREA FLORESTAL

Na sequência dos danos provocados pela tempestade de Kristin, o Município de Pombal criou, com o ICNF, a Operação Integrada de Gestão da Paisagem (OIGP 2.0) para, entre outros objectivos, retirar a carga combustível das florestas. O Município apelou a todos os proprietários para efectuarem a limpeza dos seus terrenos e, caso tivessem essa intenção e capacidade, registá-la na plataforma do ICNF até 30 de Junho. Caso não o fizessem, o terreno passaria a estar integrado na OIGP, para que o Município proceda à remoção do material lenhoso (sem que o proprietário perca a gestão do seu terreno), assegurando uma gestão responsável e rápida da área florestal do concelho. Neste âmbito, os proprietários que procederam ao registo e efectuaram a limpeza do(s) seu(s) terrenos, podem agora receber um apoio até 1.500 euros por hectare. Para avançar com o processo está disponível, até ao dia 18 de Setembro, a plataforma online do Município para a submissão dos pedidos de apoio aos proprietários florestais. O Município promoveu uma acção de formação junto dos técnicos municipais e das juntas de freguesias para que estejam capacitados a prestar auxílio à população, no preenchimento e na submissão dos pedidos. Assim, os proprietários poderão efectuar submissão autónoma, através do formulário online, dirigir--se à sua Junta de Freguesia: onde será prestado apoio no preenchimento e submissão do pedido através da plataforma online, ou dirigir-se ao Município, onde poderão obter apoio na submissão do respectivo pedido.

A Câmara de Miranda do Corvo lançou uma aplicação móvel que permite aos cidadãos, entre outras funcionalidades úteis, comunicar, de forma simples e rápida, problemas e ocorrências na via pública. Dois meses após o lançamento já foram resolvidas cerca de 50 situações comunicadas através da aplicação, o que representa, em média, praticamente uma ocorrência solucionada por dia.

MIRANDA DO CORVO: SERÕES DE GONDRAMAZ CELEBRAM 20 ANOS



Gondramaz vai ter no próximo sábado música, cinema, debate e oficina de marcenaria

Os Serões do Gondramaz, aldeia de xisto do concelho de Miranda do Corvo, celebram, no dia 29 de Agosto, duas décadas de existência com um programa que reúne música, cinema, oficinas e reflexão sobre o futuro dos territórios rurais. As actividades arrancam à 10h00, no Salão de Baile, com uma oficina de marcenaria orientada pela ALIGA, associação sediada na Serra da Lousã, uma sessão que permitirá aos participantes experimentar técnicas fundamentais do trabalho com madeira e construir uma peça que poderão levar consigo no final. Durante a tarde, às 16h30, realiza-se uma conversa dedicada ao tema "O papel das Artes, das Culturas e dos Patrimónios no desenvolvimento rural", com a participação da arquiteta Ana Figueiredo, que acompanhou a elaboração do Plano da Aldeia do Gondramaz, e do presidente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, José Miguel Ferreira. O debate incidirá sobre o processo de requalificação da aldeia e os impactos que esse investimento teve nas dimensões social, cultural, patrimonial e turística. A programação musical começa às 18h00, no Lavadouro, com um concerto da cantora e compositora Vânia Couto, conhecida pelo trabalho desenvolvido em projectos como Macadame, Pensão Flor, "Rezas, Benzeduras e outras cantigas" e "Fonte Grande", este último editado pela JACC Records. O encerramento está marcado para as 21h30, com um cine-concerto do filme "Dumbo" (1954), numa criação produzida pela JACC e pela Blue House. Este espectáculo propõe uma nova leitura do clássico de animação através da criação, ao vivo, de uma banda sonora original baseada na improvisação e na composição musical.

CEMITÉRIO DE SEMIDE EM MIRANDA DO CORVO RECEBE 30 NOVOS GAVETÕES

A Câmara Municipal de Miranda do Corvo vai investir cerca de 27,5 mil euros na construção de 30 gavetões de consumpção aeróbia no Cemitério de Semide. A intervenção pretende resolver os problemas de sobrelotação e de falta de espaço que têm condicionado a capacidade de resposta daquele equipamento. A obra resulta de um contrato-programa celebrado entre o Município e a Junta da União das Freguesias de Semide e Rio de Vide, no valor de 27.507 euros. Segundo a autarquia, a solução foi encontrada menos de um ano depois da tomada de posse dos actuais executivos municipal e de freguesia, traduzindo o compromisso assumido pelas duas entidades para dar resposta às necessidades das famílias. O sistema de consumpção aeróbia permitirá aproveitar de forma mais eficiente o espaço disponível, representando também, de acordo com a Câmara, uma alternativa moderna e ambientalmente sustentável para a gestão do cemitério. O investimento integra a estratégia municipal de melhoria das infra-estruturas e dos serviços públicos em todo o concelho. O Município considera que a criação de condições adequadas nas diferentes freguesias é essencial para reforçar a qualidade de vida, assegurar respostas de proximidade e conciliar o cuidado prestado às populações com o respeito pela memória colectiva.

VACINAÇÃO ANTIRRÁBICA PERCORRE FREGUESIAS DE ARGANIL EM SETEMBRO

O concelho de Arganil recebe, ao longo do mês de Setembro, uma campanha itinerante de vacinação antirrábica e identificação electrónica de animais de companhia. Promovida pela Câmara Municipal em parceria com a Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), a iniciativa vai passar por várias localidades, aproximando estes serviços das populações. A campanha decorre nos dias 3, 10, 16, 17, 23 e 24 de Setembro e integra o Programa Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e outras Zoonoses. A primeira ronda está marcada para dia 3, com paragens em Cepos, Teixeira, Moura da Serra, Piódão, Monte Frio e Cerdeira. No dia 10, a equipa estará em Luadas, Benfeita, Dreia, Pomares, Anseriz, Vila Cova do Alva e Vinhó. O percurso prossegue, a 16 de Setembro, por Barril do Alva, Pisão, Côja, Secarias, Salgueiro e Folques. No dia seguinte, a campanha chega a Sarzedo, Maladão, Celavisa, Arganil e Portelinha. A 23 de Setembro, serão abrangidas as localidades de São Martinho da Cortiça, Cortiça, Sail, Sanguinheda e Urgueira. A campanha termina no dia 24, com passagem por Murganheira/Chapineira, Chãs Grandes, Vilarinho do Alva, Pombeiro da Beira, Sarnadela e Casal do Frade. A vacinação contra a raiva é obrigatória para todos os cães com mais de três meses de idade. Já a identificação electrónica, feita através da colocação de um microchip e do registo no Sistema de Informação de Animais de Companhia (SIAC), deve ser realizada até aos 120 dias após o nascimento do animal. A vacina antirrábica tem este ano o custo de 10 euros. A identificação electrónica e o correspondente registo no SIAC custam 2,50 euros, enquanto a emissão do boletim sanitário tem o valor de um euro. Os detentores devem fazer-se acompanhar do Cartão de Cidadão ou Bilhete de Identidade e do cartão de contribuinte. Os horários e os locais exactos de cada atendimento podem ser consultados junto da Câmara Municipal de Arganil e das respectivas Juntas e Uniões de Freguesia.

GAND'RA APRESENTA EM COIMBRA UM ÁLBUM COM RAÍZES EM CANTANHEDE

O projecto musical Gand'ra apresenta, a 4 de Setembro, no Auditório do Conservatório de Coimbra, o seu álbum de estreia, Estórias destas só se contam a cantar. O concerto marca a chegada a palco de um trabalho inteiramente original, construído a partir das memórias, das paisagens e das vivências da região da Gândara. Com raízes em Cantanhede, o grupo transforma em música os elementos que moldam aquele território e as suas comunidades. A terra, o mar, o vento e as histórias transmitidas entre gerações servem de ponto de partida para canções que recuperam a tradição, mas lhe dão uma leitura actual. Os Gand'ra são constituídos por Gabriel Santos, no piano e voz, Sabrina Santos, no violino e voz, Iara Espírito Santo e Nide Santos, nas vozes e percussões, Hugo Gambóias, na guitarra portuguesa, e Leandro Loureiro, na percussão. Ao longo do espectáculo, o público será conduzido por diferentes retratos da Gândara, num percurso musical que procura traduzir a força das suas gentes, a ligação à terra, a presença do mar e a liberdade de reinventar as próprias origens. Mais do que a apresentação de um disco, o concerto pretende celebrar uma identidade colectiva e dar nova voz às histórias que fazem parte da memória da região. Os bilhetes já estão disponíveis na plataforma Ticketline.

BOMBEIROS DE CANTANHEDE CELEBRAM 124 ANOS E REALIZAM CAMINHADA



Adérito Machado, presidente da Direcção dos Bombeiros de Cantanhede, destaca o apoio dos sócios, empresas e instituições

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede assinalou, na passada segunda-feira, dia 24 de Agosto, o seu 124.º aniversário. Sob o lema "124 anos de vidas por vidas", a corporação celebrou mais de um século de dedicação, altruísmo e serviço público prestado à comunidade e à região. A propósito desta data marcante, o presidente da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede, Adérito Machado, sublinhou a importância das pessoas que construíram e mantêm viva a história da corporação. "Mais do que celebrar uma data, queremos agradecer. A todos os que fazem parte desta casa, aos que fizeram parte dela e deixaram a sua marca, às famílias que acompanham e apoiam, e a toda a população de Cantanhede, pela confiança que nos dá sentido" - referiu o dirigente, prestando uma homenagem sentida a gerações de bombeiros que "deixam a família, o trabalho e o descanso sempre que alguém precisa". Adérito Machado destacou ainda o papel fundamental dos sócios, empresas e instituições parceiras que permitem manter as portas da associação abertas, lembrando a evolução da corporação ao longo de mais de um século: "Mudaram os tempos, mudaram os meios, mudaram os desafios. Mas há coisas que permanecem: estar presente, responder à chamada e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para proteger e ajudar". No âmbito das comemorações e com o intuito de envolver activamente a população na promoção da saúde, do convívio e do apoio à instituição, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede vai realizar a X Caminhada Solidária BVC no próximo dia 20 de Setembro. O evento, de carácter não competitivo e acessível a todas as idades, terá um percurso de aproximadamente 8 quilómetros, com ponto de partida e de chegada no próprio Quartel dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede. Trata-se de uma oportunidade para juntar famílias, amigos e a comunidade em geral numa tarde dedicada à solidariedade e ao reconhecimento do trabalho dos bombeiros. O valor da inscrição é de 10 euros (inclui t-shirt oficial e brinde do evento) e a corporação apela à participação de todos para continuar a fazer a diferença, passo a passo, em prol de Cantanhede e das suas gentes.

METROBUS VOLTA A LIGAR LOUSÃ E SERPINS

O Metrobus vai retomar, no dia 1 de Setembro, a ligação entre Lousã e Serpins, que estava interrompido desde 24 de janeiro devido ao deslizamento de terras que deixaram um talude instável, anunciou a Metro Mondego. Com a reabertura deste troço suburbano, aquele sistema de transporte volta a assegurar a ligação integral entre Serpins (concelho da Lousã) e Coimbra, com a reposição dos horários e das frequências habituais em todo o percurso. O serviço entre Lousã e Serpins, numa extensão de seis quilómetros, que inclui as últimas três estações do canal, estava interrompido desde 24 de Janeiro, tendo sido necessário estabilizar dois taludes, afectados pelas intempéries. A intervenção, iniciada em março, representou um investimento de três milhões de euros da Metro Mondego, que também assegurou o serviço rodoviário alternativo a estas populações durante o período de suspensão.

A Mealhada vai receber, a 12 e 13 de Setembro, "A Cidade do Samba", que reúne escolas de samba, artistas e actividades relacionadas com a cultura carnavalesca no Parque da Cidade. Promovida pela Associação de Carnaval da Bairrada, com o apoio da Câmara da Mealhada e de vários parceiros, a iniciativa tem entrada livre e contará com oito escolas de samba, além das actuações de Xandinho e Rodrigo Silveira.

OLHARES SOBRE RECOMEÇOS ESCOLARES NA MEALHADA



Renato Alexandre



Eva Francisca



Paula Martins



Rita Leite



Nuno Veiga



Inês Abrantes

LUÍS FRANCISCO MARQUES

No final de Agosto o Verão começa lentamente a retirar-se do quotidiano. Os dias ainda são longos, mas, nas casas, regressam as conversas sobre horários, transportes, livros e material escolar. Na Mealhada, como um pouco por todo o país, aproxima-se o início de um novo ano lectivo.

A escola regressa antes de as aulas começarem. Regressa nas reuniões de professores, na preparação das salas, na construção dos horários e na ansiedade dos alunos. Regressa também nas famílias, obrigadas a reorganizar rotinas, despesas e deslocações. Entre a cidade, a Pampilhosa, o Luso e as restantes localidades do concelho, recompõe-se uma rede diária de caminhos para os diferentes estabelecimentos de ensino.

Mas regressar não é simplesmente voltar ao lugar onde se ficou. Quem regressa já não é exatamente a mesma pessoa. Há dificuldades que deixaram marcas, aprendizagens que permanecem e decisões formadas durante a pausa. Um novo ano transporta sempre a possibilidade de corrigir o que falhou, conservar aquilo que resultou e começar alguma coisa de maneira diferente. Ninguém recomeça do zero. Todos regressam com uma história.

Uma escola onde é possível recomeçar

Para Renato Andrade, aluno do 12.º ano, a palavra "recomeço" não é uma ideia abstrata. Nasceu com baixa visão e teve de enfrentar dificuldades que a maioria dos colegas não conhece. Quando fala do seu percurso, começa por reconhecer o papel da família, que descreve como "sempre presente". Mas identifica também um momento concreto em que sentiu que alguma coisa mudou: a entrada na Escola Profissional Vasconcellos Lebre (EPVL). "Eu tive o meu recomeço na EPVL, onde fui bem tratado pelos professores, que sempre me apoiaram quando mais precisei", conta. Renato reconhece hoje na família e na escola uma parte essencial da pessoa em que se tornou e agradece o acompanhamento e a inclusão que encontrou.

O testemunho é pessoal, mas deixa uma pergunta que deveria acompanhar todas as escolas no início do ano: quantos alunos precisam apenas de encontrar o lugar certo, o apoio adequado e alguém que reconheça as suas capacidades antes de se fixar nas suas limitações? A inclusão não se cumpre apenas através de legislação, relatórios técnicos ou medidas inscritas num plano. Concretiza-se na sala de aula, na adaptação de um recurso, no tempo concedido para uma tarefa e na persistência de quem não desiste do aluno quando o percurso se torna mais difícil. Uma escola inclusiva não é apenas aquela que recebe todos. É aquela que permite a cada um participar, aprender e sentir que pertence.

A coragem de tentar e o direito de falhar

Também para Eva Francisca, aluna do 12.º ano, o novo ciclo traz um desejo concreto: "Neste regresso, gostava de ter mais coragem para fazer coisas novas e não ter tanto medo de falhar." A frase é breve, mas contém uma inquietação que atravessa muitos jovens. Numa cultura em que os resultados são expostos e comparados, falhar deixou de ser uma possibilidade natural da aprendizagem. Tornou-se uma ameaça à imagem que constroem de si próprios. O medo de não conseguir impede-os de experimentar, perguntar, participar ou escolher caminhos menos seguros.

> **Uma escola inclusiva permite a cada um participar, aprender e sentir que pertence." "Uma escola onde ninguém pode falhar é uma escola onde poucos se arriscam a aprender.**

A escola precisa de avaliar e exigir trabalho, mas não pode transformar cada erro numa sentença. Aprender implica avançar sem garantias, rever respostas, reconhecer fragilidades e tentar novamente. Uma escola onde ninguém pode falhar acaba por ser uma escola onde poucos se arriscam verdadeiramente a aprender.

No ensino profissional, esta questão assume particular relevância. Muitos alunos chegam depois de experiências pouco felizes noutros percursos, trazendo a ideia de que "não são bons para a escola". Este tipo de ensino pode devolver-lhes confiança. Mas isso só acontece quando o ensino profissional não é tratado como escolha menor ou mero destino para quem não se adaptou a outro modelo. O receio confessado pela Francisca não se combate com frases motivacionais. Combate-se criando condições para experimentar, errar, receber orientação e perceber que um resultado menos conseguido não define uma pessoa.

Entre o reencontro e a necessidade de limites

Para os professores, o regresso também é feito de sentimentos diferentes. Ana Rita Leite identifica no reencontro com os alunos aquilo que mais deseja recuperar: "Neste regresso, gostaria de começar de novo, estando com os meus alunos, que é o que mais gosto de fazer na minha profissão." Entre plataformas, documentos, reuniões, correcções e tarefas administrativas, a relação pedagógica continua a ser o centro da profissão. É no encontro com os alunos que o trabalho docente encontra o seu sentido mais directo. Mas gostar de ensinar não elimina o cansaço. Inês Abrantes entra no novo ciclo com outra prioridade: "Estabelecer limites mais firmes entre o trabalho e a vida pessoal."

As duas posições não são incompatíveis. Revelam as duas faces de uma profissão em que a disponibilidade tende a não ter fronteiras claras. O trabalho do professor não termina quando toca a campainha. Segue para casa em tarefas e preocupações que não cabem em qualquer horário. Defender limites não significa menor compromisso. Pode ser aquilo que permite continuar a ensinar com equilíbrio e disponibilidade real. Uma escola que depende permanentemente do sacrifício pessoal dos seus profissionais pode manter-se em funcionamento, mas dificilmente permanecerá saudável.

Paula Martins exprime essa necessidade através de uma formulação particularmente feliz. Considera o regresso positivo, acompanhado por "mais motivação, mais energia" e sonhos para concretizar. Quer conservar essa disposição, mas pretende preocupar-se menos com os pormenores e aprender a relativizar. "Afinal, somos humanos e não humanoides", afirma. O propósito é simples de enunciar e difícil de cumprir: "Ter a humildade de dar o melhor sem viver o pior." Reconhecer limites tornou-se quase um gesto de resistência. Não para fazer menos, mas para distinguir o essencial do acessório e impedir que a procura da perfeição destrua a disponibilidade para educar.

Não voltar a fazer tudo da mesma maneira

Os recomeços também pertencem às instituições e a quem exerce responsabilidades públicas. Nuno Veiga, vereador da Educação da Câmara Municipal da Mealhada, recorda que, ao longo da vida profissional, já teve de mudar e começar novamente por diversas vezes. Dessas experiências retirou uma convicção: não devemos ter medo dos recomeços, porque nunca regressamos desprovidos do que vivemos.

> **Nenhum aluno, professor ou escola começa verdadeiramente do zero.**

"Não repetimos os erros do passado, porque levamos connosco aquilo que aprendemos", afirma. Reconhecendo que o ser humano tende a resistir à mudança, defende a coragem de acompanhar as transformações e continuar a aprender. Para este novo ciclo, deixa um compromisso: "Quero continuar a fazer, mas sobretudo não voltar a fazer da mesma maneira aquilo que pode ser feito com mais proximidade, simplicidade e atenção às pessoas."

Proximidade, simplicidade e atenção são palavras consensuais. O desafio começa quando precisam de ser traduzidas em decisões que impactam na vida das pessoas. Um recomeço político não se mede pelas palavras utilizadas, mas pelas práticas que efectivamente mudam.

Na Mealhada, a educação não acontece apenas dentro das escolas. Cruza-se com associações, empresas, clubes e instituições sociais e culturais. Num concelho marcado pela dispersão geográfica e por realidades familiares diferentes, garantir igualdade não significa oferecer exatamente o mesmo a todos.

A escola regressa com tudo o que ficou por resolver

Quando a escola regressa, não voltam apenas alunos às salas e professores aos horários. Regressam histórias incompletas, expectativas, receios e possibilidades. Regressa também uma comunidade inteira, porque aquilo que acontece na escola nunca fica inteiramente fechado dentro dos seus muros.

Recomeçar não é prometer que tudo será diferente. É olhar com honestidade para aquilo que não funcionou, preservar o que merece continuar e ter coragem para não voltar exatamente ao mesmo lugar.

Na madrugada de hoje para sexta-feira, o UC Exploratório promove uma sessão de observação astronómica do eclipse lunar parcial que irá ocorrer e que terá o seu máximo às 5h12, com 93% do disco lunar obscurecido pela sombra da Terra. A participação na actividade é gratuita, não necessita de inscrição prévia e conta com a colaboração da Cervejeira Praxis.

FAUNA SELVAGEM

PAÍS CONTRA ESTRAGOS DE TANTOS JAVALIS

Entre prejuízos agrícolas, colisões rodoviárias e riscos sanitários, Portugal procura medir a população real da espécie e perceber que medidas são necessárias para conter os danos.

MARCELO DOMINGUES

O javali tornou-se um problema que atravessa campos, estradas e matas portuguesas. Entra nas culturas à procura de alimento, cruza vias onde circulam automóveis e multiplica os conflitos entre agricultores, caçadores, gestores do território e autoridades. Sabe-se que causa prejuízos e acidentes. Mais difícil, porém, é responder a duas perguntas elementares: quantos são e quanto custa, afinal, a sua presença?

O 1.º Seminário do Plano de Monitorização Populacional e Mitigação de Impactos das Espécies de Ungulados Silvestres em Portugal (IMPACTO), realizado no mês passado na Lousã, reuniu alguns dos números que ajudam a dimensionar a presença e os impactos destes animais em Portugal. Entre os dados apresentados estão 856 colisões registadas desde 2010 na rede sob responsabilidade da Infraestruturas de Portugal (IP), uma estimativa de mais de 277 mil javalis a habitar o continente e prejuízos milionários nas searas dos agricultores filiados na Associação Nacional dos Produtores de Milho e Sorgo (ANPROMIS).

Ao reunir administração, investigadores, autarcas, agricultores, florestais e caçadores, o encontro, que contou com a presença do secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira, discutiu iniciativas concretas para lidar com essa questão.

Carlos Fonseca, professor catedrático do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar e coordenador do IMPACTO, pôs a informação no centro do debate. Encomendado pelo Governo, operacionalizado pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e com coordenação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, um novo projecto de intervenção deverá actualizar a distribuição da espécie, testar medidas de mitigação e avaliar o seu controlo no território. "Nós, sem informação base, sem sabermos densidades, não temos informação para poder definir medidas de adaptação para melhor gerirmos estas populações", afirmou.

Sem sabermos densidades, não temos informação para poder definir medidas de adaptação.



O secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira, discursa no 1.º Seminário IMPACTO na Lousã. O governante anunciou apoios para sistemas de protecção das culturas contra os danos causados por javalis

Informação é gestão

O javali pertence à fauna autóctone e está amplamente distribuído em Portugal. Não se trata de uma praga, termo comummente usado nas discussões sobre ele, mas a sobreabundância local torna-o uma questão complexa. Em densidade controlada, a espécie pode favorecer plantas, mas, concentrada, aumenta a pressão sobre culturas, estradas e sanidade animal.

O Plano Estratégico e de Acção do Javali, elaborado pela Universidade de Aveiro para o ICNF entre 2020 e 2022, combinou cerca de 400 câmaras de foto-armadilhagem, dados cinegéticos e colares GPS. Estimou a população em 277.385 javalis, num intervalo entre 163 e 391 mil exemplares. Neste mês, o ICNF admitiu que o estudo precisa de actualização.

Nenhum destes valores diz quantos animais vivem hoje na Lousã, em Lafões ou junto de um milheiral. É essa escala local que permitiria decidir onde instalar cercas, autorizar correcções de densidade ou reforçar a sinalização rodoviária, daí a necessidade de mais informação.

Oito milhões em prejuízos

Segundo um levantamento da ANPROMIS, os prejuízos estimados nas searas de milho dos associados rondaram oito milhões de euros em 2023. O valor não contabiliza danos noutras culturas nem em equipamentos e infra-estruturas agrícolas.

Na Lousã, Rui Ladeira anunciou para o quarto trimestre um aviso do Plano Estratégico da Política Agrícola Comum (PEPAC), destinado a sistemas de protecção e cercas. "Com o desenvolvimento deste trabalho, pretendemos direccionar as políticas públicas para uma resposta ajustada às necessidades e à realidade do território. Os prejuízos verificados necessitam de respostas específicas, razão pela qual prevemos a abertura de avisos do PEPAC, que incluem a aquisição de sistemas de protecção às diversas culturas e outras medidas de apoio aos produtores e proprietários", declarou.



A população de javalis no continente foi estimada em mais de 277 mil animais. A espécie está associada a prejuízos agrícolas e a um número crescente de colisões rodoviárias

Perigo rodoviário

Na rede da IP, as colisões anuais com ungulados passaram de menos de 20 por ano até 2015 para mais de 140 em 2025. Graça Garcia, bióloga da IP, explica a subida pela expansão dos animais e pela melhoria do registo.

Um estudo de 2025 publicado na Mammalian Biology, com dados da Guarda Nacional Republicana, analisou 3.374 colisões com ungulados entre 2019 e 2022 no continente. O javali esteve envolvido em mais de 83% dos casos. A chuva, o período após o crepúsculo e a envolvente florestal ou urbana também foram factores comuns, assim como as épocas de caça.

Carlos Fonseca estima que a rede nacional já ultrapasse mil colisões por ano e aponta Coimbra e Viseu como regiões críticas.

Caça e danos

O Governo manifesta preocupação com a diminuição do número de caçadores activos, a quem atribui um papel importante no controlo das populações de ungulados. No entanto, os abates declarados na caça normal cresceram 63 por cento entre 2023 e 2025, de 17.832 para 28.997. O Decreto-Lei n.º 71/2024 passou a permitir a caça ao javali pelos processos de aproximação e de espera durante todos os dias e noites do ano em terrenos cinegéticos ordenados. O ICNF continua também a autorizar correcções extraordinárias de densidade nas zonas agrícolas afectadas.

As tendências podem coexistir. Pode haver menos praticantes e mais animais abatidos, por maior esforço, períodos alargados ou concentração territorial. Caçar mais não demonstra, porém, que a população seja menor. Ainda é necessário conhecer a localização, o esforço, o sexo e a idade dos animais e, para avaliar os resultados da intervenção humana, medir os danos antes e depois.

Paulo Salsa, vice-presidente do Conselho Directivo do ICNF, que encerrou o encontro, defendeu uma meta nacional de redução. "A população de javalis tem uma taxa de crescimento muito grande e tem muito alimento disponível. Portanto, precisamos de reduzir esta população entre 10% a 20%, nos próximos cinco a 10 anos", indicou.

Sanidade e sensação

Segundo dados da Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária relativos a 2024, 49 javalis apresentaram tuberculose na zona de risco, o equivalente a 1,7% dos caçados naquele universo. Num programa dirigido, 14 das 65 amostras foram positivas para a doença de Aujeszky, a pseudo-raiva, e as 65 testadas para peste suína africana deram resultado negativo.

Ao mesmo tempo, o Estado tenta dar valor económico aos animais abatidos. A carne de caça maior passou a beneficiar de taxa reduzida de IVA em janeiro de 2026 e o Decreto-Lei n.º 147/2026 criou o licenciamento de unidades móveis de manipulação de caça, em vigor a partir de 18 de outubro. A solução encurta o transporte das peças, mas mantém a inspecção, a rastreabilidade e a pesquisa de Trichinella.

Já a sociedade portuguesa encara o javali de perspectivas diferentes. Um estudo de 2024 com 1.532 participantes encontrou uma percepção geralmente positiva entre o público. Os agricultores reconheceram mais danos e menos benefícios e os caçadores ficaram numa posição intermédia. O mesmo animal pode representar perda agrícola, risco rodoviário, recurso cinegético, atracção turística e agente ecológico.

É esse conflito que emerge no território e a sua resposta não cabe numa ordem de abate nem numa cerca. Exigirá estimativas locais, prevenção paga, caça orientada, aproveitamento sanitariamente seguro e avaliação pública. Portugal já sabe que há javalis suficientes para causar prejuízos sérios em diversos lugares. Falta provar, com séries comparáveis, onde cada medida funciona e se campos e estradas irão ficar mais seguros.

O FolKoimbra acontecerá nos próximos dias 28, 29 e 30 de Agosto na Praça do Comércio, no coração da Baixa de Coimbra. O programa começa sexta-feira, pelas 18h30, e inclui os Gaiteiros Rainha Santa, Grupo Folclórico de Coimbra, Grupo do Brasil, Amigos da Paródia, Tuna Mista do Areeiro. No sábado participam oito grupos, a partir das 14h00, e no domingo quatro grupos actuam das 14h00 às 18h00.

CAUSA POSITIVA CELEBRA 19 ANOS DE APOIO DOMICILIÁRIO EM COIMBRA

Ao assinalar 19 anos de actividade, a Causa Positiva consolida-se como uma referência no sector do apoio domiciliário na região de Coimbra. Especializada na prestação de cuidados no domicílio durante 24 horas por dia, 365 dias por ano, a empresa tem vindo, ao longo de quase duas décadas, a responder de forma integrada e personalizada às necessidades crescentes da população sénior e das suas famílias.

Fundada por Clara Duarte, que desempenha os cargos de CEO e Directora Técnica, a Causa Positiva nasceu da identificação de uma necessidade existente no mercado, com o objectivo de oferecer uma resposta diferenciadora no acompanhamento e cuidado de pessoas em situação de dependência ou fragilidade. Desde o primeiro dia, a missão central da empresa tem sido proporcionar aos seus clientes a possibilidade de permanecerem no conforto do seu lar, garantindo segurança, dignidade e qualidade de vida.

Para Clara Duarte, a excelência no apoio domiciliário exige muito mais do que a simples presença física de um cuidador. A responsável destaca que "é fundamental garantir a segurança, o bem-estar emocional, o respeito e a qualidade de vida de cada pessoa. Cada cliente tem necessidades únicas e, por isso, cada plano de cuidados deve ser cuidadosamente adaptado à sua realidade, condições de saúde, rotinas e preferências".



Clara Duarte é a fundadora, CEO e Directora Técnica da Causa Positiva

Sediada em Coimbra, a Causa Positiva desenvolve a sua actividade com um foco permanente na proximidade e na satisfação dos clientes e das suas famílias. A directora sublinha que ouvir, compreender e responder às expectativas de cada família é essencial para prestar um serviço verdadeiramente humanizado, eficiente e personalizado. A humanização dos cuidados continua, assim, a ser um dos pilares da empresa, onde o respeito, a paciência, a empatia e o carinho fazem parte da actuação diária da equipa, que procura envolver cada cliente nas decisões relacionadas com o seu cuidado, promovendo a sua autonomia e valorizando a sua individualidade.

Cuidar de quem mais precisa

Ao celebrar 19 anos de percurso, a Causa Positiva olha para o caminho percorrido com "orgulho e gratidão". Foram quase duas décadas marcadas por dedicação, profissionalismo, esforço e resiliência, durante as quais foi possível construir um serviço de apoio domiciliário de referência, assente na confiança e na proximidade. Clara Duarte conclui reforçando a visão da empresa: "Continuamos a acreditar que a chave está na combinação entre competência profissional, cuidado humano e valorização da qualidade de vida das pessoas. Este aniversário representa não apenas a celebração do passado, mas também o compromisso renovado de continuar a cuidar de quem mais precisa, todos os dias, 24 horas por dia".

Sob o lema "Onde a idade tem valor!", a Causa Positiva disponibiliza apoio domiciliário a idosos 24 horas por dia, 7 dias por semana. A sua oferta de serviços abrange o auxílio nas actividades da vida diária, cuidados de higiene e conforto, bem como auxílio nos cuidados de saúde. Além disso, a empresa actua na venda e aluguer de ajudas técnicas - nomeadamente camas articuladas e cadeiras de rodas - e produtos especializados para idosos. Para mais informações ou contacto, a instituição atende pelo telefone 239 705 208, pelo e-mail geral@causapositiva.com, no site www.causapositiva.com ou presencialmente na Rua das Romeiras, nº 38 R/CB, 3030-471 Coimbra.

EXPO CERNACHE É NO PRIMEIRO FIM-DE-SEMANA DE SETEMBRO

Cernache, no concelho de Coimbra, prepara-se para acolher a 12.ª edição da Expo Cernache, que decorrerá nos dias 4, 5 e 6 de Setembro. À semelhança dos primeiros anos do evento, a feira regressa à sua data tradicional do primeiro fim-de-semana do próximo mês, num ano revestido de especial significado simbólico marcado pelo regresso da localidade ao estatuto de vila.

Na apresentação da iniciativa, a presidente da Junta de Freguesia de Cernache, Marta Ferro, sublinhou que o evento pretende ser uma montra viva do dinamismo da freguesia: "Cernache é uma vila de portas abertas para a freguesia, para o concelho, para o distrito e para todos os que nos possam vir visitar a nível nacional, e este é aquele fim-de-semana em que já está tudo a regressar de férias e queremos proporcionar bons momentos vividos em família numa vila de tradições, com as portas abertas para o futuro".

Um dos grandes atractivos do certame é a vertente gastronómica, assegurada por nove barraquinhas/tasquinhas geridas pelas associações locais. Os visitantes poderão saborear uma grande variedade de pratos e petiscos tradicionais, tais como javali, bifanas, francesinhas, pratos de carnes típicas e o tradicional arroz doce. Também não faltará o prato mais emblemático, a chanfana de carneiro.

Para garantir o conforto do público e proteger o espaço em caso de intempérie, a organização instala este ano uma mega-tenda na zona da restauração, com as tasquinhas a estarem operacionais para servir almoços no sábado e no domingo e jantares logo na sexta-feira e ao longo de todo o fim-de-semana.

Além da gastronomia, a feira conta com dezenas de bancas de artesanato típico, produtos hortícolas e representações do tecido empresarial, artístico e tecnológico. Um dos focos destacado pela presidente da Junta de Freguesia é a oportunidade concedida a pequenos empreendedores locais que criaram negócios online para realizarem a transição do digital para o contacto presencial e directo com o público.

A época começa e o exemplo também



VITOR SANTOS*

Há um momento, todos os anos, em que milhares de crianças voltam aos clubes. Reabrem-se balneários, regressam os treinos e começam os jogos. Para muitas, será apenas mais uma época. Para outras, será o primeiro contacto com uma modalidade, uma equipa ou um treinador.

Algumas chegam com o sonho de serem campeãs. Outras querem simplesmente estar com os amigos.

Mas todas vão aprender alguma coisa.

A questão é saber o quê.

Uma nova época não começa apenas com inscrições, calendários e treinos. Começa também com os exemplos que os adultos vão dar.

Um clube é muito mais do que um lugar onde se pratica uma modalidade. Em muitas comunidades, é uma das instituições com maior valor social. É espaço de encontro, pertença, integração e aprendizagem. E grande parte desse trabalho é assegurado por pessoas que raramente aparecem nas fotografias: dirigentes voluntários, treinadores, colaboradores e famílias que dedicam tempo, energia e recursos para que o desporto aconteça.

É um trabalho muitas vezes invisível. Mas essencial.

E coloca-nos perante uma responsabilidade: que desporto estamos a oferecer às nossas crianças?

Os pais não precisam de ser treinadores. Não precisam de discutir táticas, convocatórias ou decisões de arbitragem. Precisam, sobretudo, de acompanhar, apoiar e incentivar.

E deixar os filhos desfrutar.

Talvez depois de um jogo a pergunta mais importante não seja «quanto ficou?», mas: «Divertiste-te?»

Porque quando uma criança começa a acreditar que o resultado determina a satisfação dos pais, deixa de jogar apenas para si e começa a jogar para corresponder às expectativas dos outros.

É aqui que valores como respeito, lealdade e verdade deixam de ser palavras bonitas e passam a ser comportamentos.

Respeitar quando se ganha. Respeitar quando se perde. Reconhecer o mérito do adversário. Aceitar o erro do árbitro. Assumir os próprios erros. Saber ganhar sem humilhar e perder sem procurar culpados.

Parece simples.

Mas basta olhar para o desporto profissional, particularmente para o futebol, para perceber a contradição.

Queremos que as crianças respeitem os árbitros, mas mostramos-lhes adultos a pressioná-los. Queremos que saibam perder, mas assistimos a justificações permanentes. Queremos que respeitem o adversário, mas vemos treinadores, dirigentes e outros agentes transformarem a competição numa guerra verbal.

O desporto profissional, particularmente o futebol, é observado por quem ainda está a aprender.

Cada declaração, cada gesto e cada conflito chega às crianças através da televisão, das redes sociais ou das conversas em casa.

Não podemos exigir aos jovens aquilo que os adultos não estão dispostos a cumprir.

As crianças não aprendem ética apenas quando lhes explicamos o que está certo.

Aprendem-na quando nos veem fazer.

Por isso, o início de uma nova época é também uma oportunidade para começarmos de novo: clubes mais conscientes da sua responsabilidade educativa, treinadores que percebam que cada treino é também uma aula de vida, pais que apoiem sem pressionar e dirigentes que liderem pelo exemplo.

No fim da época haverá campeões, medalhas e classificações.

Mas haverá também crianças que terão aprendido a respeitar, a cooperar, a lidar com a frustração, a reconhecer o mérito dos outros e a competir com dignidade.

Talvez esse seja o verdadeiro campeonato que todos deveríamos querer ganhar.

Porque o maior resultado do desporto não aparece numa tabela classificativa.

Fica numa pessoa.

Que seja, para todos, uma excelente época desportiva. Mas, acima de tudo, uma época de que possamos ter orgulho naquilo que ajudámos a formar.

(*) Embaixador do Plano Nacional de Ética no Desporto

Sábado, dia 29, pelas 18h00, será apresentado no Liquidâmbar, na Praça da República, em Coimbra o livro "O Cidadão para os Cidadão", de Vítor Carvalho. O livro, editado pela Gráfica do Minho, será apresentado por Jorge Gouveia Monteiro, na qualidade de velho amigo e anfitrião do Liquidâmbar.

Avenida Sá da Bandeira – Guerra e Paz



JORGE GOUVEIA MONTEIRO*

Eixo central da Coimbra que há século e meio se fez moderna, de todas as manifestações democráticas, de todos os transportes mais o que está para vir, a nossa Avenida precisa de mais atenção.

Faltam-lhe espaços de paz.

Sem desconsideração para o marquês que lhe deu o nome e que foi um rijo lutador pela liberdade, vejamos: manutenção militar, monumento aos combatentes da desgraçada Grande Guerra de 14-18, (sem qualquer elemento informativo sobre o que aconteceu ao corpo expedicionário português) ... não me admira que até os belos plátanos pareçam, no verão, vestidos de camuflado.

E, no entanto, temos os lagos, os espaços amplos de calçada à fresca sombra dos ditos plátanos, a pedir bancos e talvez mesas, dispostos com bom gosto, propícios à conversa e ao diálogo entre humanos.

Dum lado e do outro da Avenida, há prédios a necessitar de intervenção reabilitadora: o velho Grémio dos Lojistas (depois sede da ACIC), a abalroada Marques, a "colchoaria" ao lado do centro comercial avenida a quem há dias disfarçaram o mísero estado, entaipando-lhe de branco o rés-do-chão, o incompreensível mono ao lado da Polícia Municipal, a expectante casa das artes da FBB, que tarda a ressuscitar.

Mas há outra "guerra feia" nas noites da Avenida: a das gritarias e das brigas, à porta de botecos que vendem comida durante toda a noite e deixam os passeios imundos de copos e embalagens que os pombos disputam de madrugada.

A nossa Avenida precisa da nossa ajuda, da nossa voz, da nossa intervenção.

Agora.

Mulher ou objecto?



HERNÂNI CANIÇO*

"Passa a Mocidade passa, E a malta grama vê-la passar, Com a Legião à frente, E a PIDE ao lado do Salazar; Vem a Gertrudes, mai-la Supico,..." era uma canção satírica da resistência à ditadura e ao fascismo, trauteada pelos antifascistas e lutadores pela democracia, antes do 25 de Abril, cantiga de escárnio de tradição oral.

A Gertrudes era a veneranda (?) esposa do presidente fantoche Américo Tomás e a "Supico" (a "rainha do tricot"), era a presidente do Movimento Nacional Feminino (MNF), organização de apoio ao regime do Estado Novo (de Salazar e Caetano), escutada por Salazar, sendo um instrumento da propaganda civil da política ultramarina, defensora dos valores do regime fascista e da persistência das colónias a todo o custo, transmitindo incentivo ideológico e material aos soldados portugueses na guerra colonial.

Eis que 52 anos depois, o MNF voltou, travestido de Movimento Mulheres Conservadoras de Portugal, tendo como figuras de proa na liderança do retrocesso civilizacional e agentes de popa contra a democracia e os direitos das mulheres, destacadas militantes do Chega (até de plataformas para adultos), do CDS residual (do tempo volta p´ra trás) e até uma deputada federal do Brasil e uma ativista do PSD (social democrata, onde?), que é veraneante à custa de quem promove o genocídio em Gaza, arrogante, mal-educada e petulante quanto baste.

Estranhamente, este Movimento cujas promotoras promovem os "valores bíblicos" e o cristianismo e renegam a imigração e os direitos humanos tout court, apoiam a extrema-direita brasileira, o bolsonarismo e a agenda protestante evangélica.

Dizem apoiar a família conservadora (tradicional), como se houvesse apenas um tipo de família, arrogando-se de autoridade académica e curricular que não têm e até de especialistas em comunicação sem formação, quando existem 34 tipos de família, segundo a estrutura a dinâmica familiar, a relação conjugal e a relação parental.

Doutorei-me em Medicina de Família, investigando também os novos tipos de família e criando um novo método de avaliação familiar, trabalho que se encontra no TOP 1% com mais visualizações e download / transferência de conteúdo do repositório da Universidade de Coimbra (em 72.526 produtos científicos), e não encontrei na base científica nenhuma referência ou citação destas mulheres.

São verdadeiras "mulheres de Atenas", segundo Chico Buarque e Augusto Boal, que representam a submissão, a resignação e o papel secundário da mulher numa sociedade patriarcal, servidoras que vivem em função dos maridos e suas vontades, anulam-se pessoalmente e são passivas perante a violência familiar, são contra o aborto como direito das mulheres, mesmo em casos de violação.

Que maior desumanidade do que condenar uma mulher violada a prosseguir uma gravidez do seu agressor, um violador desconhecido ou em consanguinidade, desrespeitando a lei e os sentimentos classificados pela OMS como distúrbio pós-traumático do stress (DPTS)?

Na prática, este Movimento pretende transformar a mulher e os seus direitos em mulher-objecto, como retrógrada na mente, anti-progresso da ciência e do conhecimento, elemento comercial ou decorativo, questionando o seu valor pessoal e autoestima e aculturando-se a padrões acessórios, o que conduz a violência de género, a persistência da desigualdade laboral, a crises em saúde mental, a limitação da circulação no espaço público e a adulteração das relações afectivas.

Como chegámos aqui e como daqui saímos, é uma reflexão que deve ser feita individual e coletivamente, em liberdade e exercício democrático, esclarecedor e não manipulativo, em família e na sociedade civil organizada.

(*) Médico

Educação e saúde mental



JOÃO FERREIRA*

Os mais recentes indicadores divulgados pela Fundação Belmiro de Azevedo (FBA) oferecem um retrato simultaneamente encorajador e preocupante da educação em Portugal. À primeira vista, os números parecem falar apenas de acesso, desempenho ou retenção. Contudo, quando observados à luz da evidência científica, revelam também um tema que permanece demasiadas vezes à margem do debate educativo: a saúde mental.

O primeiro indicador mostra que a taxa real de pré-escolarização aumentou de 86,9% em 2013/14 para 94,5% em 2023/24. Trata-se de um progresso notável, já que a educação pré-escolar promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, constituindo um importante fator protetor da saúde mental ao longo da vida. No entanto, as assimetrias regionais, particularmente na Grande Lisboa e na Península de Setúbal, lembram-nos que a igualdade de oportunidades continua por concretizar. Quando o acesso é desigual, também o desenvolvimento infantil tende a sê-lo.

O segundo indicador é talvez o mais preocupante. No 9.º ano, a percentagem de alunos com bom desempenho nas provas finais de Matemática caiu de cerca de 37% antes da pandemia para, aproximadamente, 22%, sendo que mais de metade obteve classificação negativa. Estes resultados não refletem apenas dificuldades de aprendizagem. Traduzem igualmente o impacto de anos marcados pela pandemia, pela ansiedade, pelo isolamento, pela redução da motivação e pelo aumento do sofrimento psicológico entre crianças e adolescentes. O insucesso escolar e a saúde mental alimentam-se mutuamente: dificuldades emocionais comprometem a aprendizagem e o fracasso académico agrava sentimentos de baixa autoestima, desmotivação e desesperança.

Também no ensino secundário persistem sinais preocupantes. Apesar da ligeira redução da taxa de retenção e desistência, de 9,8% para 9,6%, quase um em cada dez alunos continua a reprovar ou abandonar este ciclo de ensino, atingindo os 12,3% no 12.º ano. Num período marcado pela pressão dos exames, pela escolha do futuro académico e profissional e pela construção da identidade, estes números representam muito mais do que estatísticas administrativas. Representam jovens expostos a elevados níveis de stress, ansiedade e exaustão emocional, fatores que podem comprometer o seu percurso de vida.

Por fim, o facto de, pela primeira vez em dez anos, existirem menos candidatos ao ensino superior do que vagas disponíveis deve levar-nos a questionar não apenas os fatores económicos ou demográficos, mas também os psicológicos. A insegurança relativamente ao futuro, o receio do insucesso, a falta de expectativas e o desgaste emocional podem contribuir para que muitos jovens adiem ou abandonem o projeto de prosseguir estudos.

A educação e a saúde mental não podem continuar a ser discutidas separadamente. Uma escola que promove bem-estar emocional melhora a aprendizagem; uma escola focada exclusivamente em resultados dificilmente conseguirá formar cidadãos resilientes, autónomos e saudáveis. Investir em psicólogos, programas de promoção da saúde mental, literacia emocional, prevenção do bullying e apoio às famílias não constitui um custo adicional do sistema educativo. É, antes, um investimento na qualidade da aprendizagem, na redução do abandono escolar e, sobretudo, no futuro do país! Os números da FBA não são apenas indicadores educativos... São também indicadores do estado emocional de uma geração que merece ser ouvida, compreendida e apoiada. Porque não existe sucesso escolar sustentável sem saúde mental.

(*) Doutorando na FMUC

LÁ FORA



Fogo!

JOANA GIL

Os noticiários oferecem-nos diariamente notícias de natureza internacional: as guerras levam a parte de leão, e diversas outras catástrofes ocorridas bem longe de Portugal desfilam nos noticiários com regularidade. Bruxelas é frequentemente referida, mas o mais das vezes como metonímia para aludir aos centros decisórios da União Europeia. O país propriamente dito raramente é palco de eventos noticiados em Portugal. Porém, este mês de Agosto houve uma excepção, devido ao lastimável incêndio que destruiu uma parte significativa de uma importantíssima reserva natural belga. As Hautes Fagnes, bem perto da fronteira com a Alemanha, foram assoladas por um incêndio devastador – o maior na Bélgica desde 1911. Felizmente não houve vidas perdidas a lamentar, mas bem se percebe que o evento seja notícia. A Bélgica, com o seu típico clima húmido e chuviscoso, raramente é vítima de incêndios florestais. Porém, o passado dia 14 de Agosto marcou o início de um fogo que consumiu, até ao momento presente, mais de 3 mil hectares. Para se ter uma ideia comparativa, em Portugal, que tem uma dimensão próxima da da Bélgica, em 2025 o terrível incêndio do Piódão consumiu 64 mil (!) hectares. Um incêndio de proporções épicas na Bélgica passaria relativamente discreto num Verão português. Parte do choque resulta pois deste efeito de novidade, que muitos atribuem às alterações climáticas: Verões mais quentes e secos resultam em condições mais favoráveis a incêndios. Enquanto por lá se discute a dimensão do efectivo de bombeiros voluntários e profissionais ou as melhores estratégias de prevenção de incêndios, vale lembrar que o triângulo do fogo (combustível, oxigénio e ignição) deixa claro que, para sorte nossa, só o combustível e as ignições merecem atenção, porque o oxigénio, valha-nos isso, ainda vai existindo em abundância e ainda ninguém se lembrou de propor a sua taxação. Já as ignições são um ponto crucial, mas desengane-se quem pense que um qualquer arsenal sancionatório draconiano vai reduzi-las a zero. Se as campanhas de sensibilização e as proibições de queimadas ou actividades perigosas são seguramente bem-vindas e úteis, é certo também que reduzir a zero as ignições é uma utopia que não sobrevive a uma análise séria. Não só porque sempre haverá pirómanos ocasionais ou acidentes, mas sobretudo porque, com as condições propícias, qualquer faísca basta para lançar o desastre. Para já, a principal hipótese analisada na Bélgica é a de que o fogo terá tido origem no manuseio de uma máquina agrícola. O incêndio do Piódão terá começado com uma trovoada seca. Reduzir as ignições ajuda, mas não resolve. É na gestão do combustível que devemos, pois, jogar as nossas esperanças.

A verdade é que os esforços de ambientalistas por um planeta melhor, com menor consumo de combustíveis fósseis e menos emissões de CO_2, são muito meritórios mas não vão conduzir a uma modificação imediata das condições que propiciam a ocorrência de incêndios rurais. É como ter alguém a morrer de frio e recomendar-lhe que não acenda a lareira para evitar combustão de lenha e assim estabilizar o clima: não vai resolver o problema de quem está a enregelar. Em matéria de incêndios, a regra dos 30-30-30 (temperaturas superiores a 30º, com humidade inferior a 30% e vento superior a 30 km/h) ilustra bem que não está ao nosso alcance evitar as condições atmosféricas propícias ao fogo. Sobra-nos o combustível propriamente dito. Portugal é de longe, no mundo, o maior produtor, quer por km2 quer per capita, de eucaliptos. Esta árvore altamente inflamável não é isenta de responsabilidades nas proporções que os incêndios assumem em Portugal. Tem também um peso económico não despiciendo, e não raras vezes os incêndios consomem outras espécies arbóreas ou simplesmente mato, pelo que os eucaliptos não podem ser o bode expiatório de todos os males que afligem o nosso território rural. Mas quem circula na Beira Interior e vê montes e vales cobertos de eucaliptos ou pinheiros bravos, ou extensões a perder de vista de mato descontrolado, vê que o que está ali não são florestas: são barris de pólvora. Revitalizar o interior e ter quem o habite e explore todo o seu potencial é mais de meio caminho andado para mitigar as catástrofes que ciclicamente reduzem a cinzas parte do nosso país.

A Autoridade de Imigração e Alfândega norte-americana (ICE, na sigla em inglês) anunciou que deteve quase 50 mil pessoas em Julho, um máximo mensal no segundo mandato do Presidente Donald Trump. O aumento de detenções de imigrantes, segundo os mais recentes dados avançados pela agência Associated Press (AP), mostra que o governo Trump mantém em andamento a agenda de deportações maciças.

F_R_A

ULS DE COIMBRA REFORÇA APOSTA NA CIRURGIA ROBÓTICA DO OUVIDO



A ULS de Coimbra tornou-se o primeiro centro nacional a operar com todas as marcas e todos os modelos de eléctrodos de implantes cocleares disponíveis em Portugal

A Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra anunciou durante este mês de Agosto que realizou a primeira cirurgia endoscópica do ouvido assistida por robô em Portugal, consolidando a aposta na cirurgia otológica robótica e reforçando a sua posição como referência nacional nesta área. Esta intervenção, utilizando o sistema RobOtol, foi realizada com sucesso e sucede às primeiras cirurgias de implante coclear assistidas por robô no país, em Abril deste ano. " A ULS de Coimbra tornou-se o primeiro centro nacional a operar com todas as marcas e todos os modelos de eléctrodos de implantes cocleares disponíveis em Portugal, demonstrando versatilidade técnica e capacidade de adaptação a diferentes sistemas tecnológicos", explicou João Eloi Moura, coordenador do Centro de Referência de Implantes Cocleares da ULS de Coimbra, acrescentando que "paralelamente, a utilização do robô foi expandida para diversas tipologias de cirurgia endoscópica do ouvido, reforçando o papel do RobOtol como ferramenta de precisão e segurança". Os dados preliminares recolhidos pela equipa clínica apontam para elevados níveis de segurança, maior rigor na preservação das estruturas anatómicas e uma melhoria da previsibilidade dos resultados cirúrgicos. "A ULS de Coimbra orgulha-se de continuar a liderar a inovação em Saúde, em Portugal, colocando a tecnologia ao serviço de cuidados cada vez mais seguros, precisos e diferenciados", frisou Francisco Maio Matos, presidente do Conselho de Administração da ULS de Coimbra, considerando que o desenvolvimento da cirurgia otológica robótica demonstra ser possível disponibilizar medicina de elevada diferenciação no Serviço Nacional de Saúde (SNS), contribuindo para a formação de profissionais, a atracção de conhecimento e o acesso dos doentes a soluções tecnológicas mais avançadas. A ULS de Coimbra entende que este avanço representa um passo importante na modernização da cirúrgia otológica em Portugal, reforçando o papel da instituição como referência nacional na área dos implantes cocleares e da cirurgia minimamente invasiva do ouvido. Para a ULS de Coimbra, este percurso demonstra que é possível desenvolver no Serviço Nacional de Saúde "medicina de vanguarda, capaz de atrair conhecimento, formar profissionais e oferecer aos doentes acesso às soluções tecnológicas mais avançadas, em igualdade de oportunidades". "Continuaremos a investir em soluções que reforcem a qualidade assistencial e consolidem a ULS de Coimbra como uma referência nacional e internacional na prestação de cuidados altamente especializados", garantiu o presidente do Conselho de Administração, Francisco Maio Matos.

VINAGRETAS

TEOREMA DA TOLERÂNCIA



O problema é quando se passa da teoria à prática

Diz um novo estudo da Comunidade Israelita de Lisboa que nós, os portugueses, somos um povo incrivelmente tolerante. Um poço de virtudes multiculturais. Aliás, 92% de nós defende a diversidade com unhas e dentes - desde que, claro, se respeitem os "valores fundamentais" (leia-se: desde que não façam barulho depois das dez da noite nem metam demasiados cominhos na comida). Somos tão abertos ao outro que 68% dos inquiridos garante sentir-se confortável a conviver com religiões e culturas diferentes. É uma beleza de estatística. Quase dá vontade de chorar de orgulho patriótico. O problema é quando passamos da teoria do "amo toda a gente" para a prática do "quem é que vai morar no rés-do-chão?". É que, no mesmo relatório, descobrimos que esta nossa imensa e generosa tolerância tem um GPS muito selectivo. Aparentemente, o nosso coração mole bate com intensidades muito distintas consoante a latitude de origem do próximo. Se forem ucranianos, a percepção é positiva. Se forem nómadas digitais, assumimos que são neutros e que apenas vêm inflaccionar o preço das imperiais. Mas se falarmos de ciganos, muçulmanos ou pessoas do sul da Ásia, o nosso termómetro da hospitalidade desce para níveis glaciares. Para estes, o veredicto do júri nacional é implacável: são os que "menos contribuem para o desenvolvimento do país". É fascinante este nosso superpoder de medir a produtividade macroeconómica de uma comunidade inteira apenas com base no tom de pele ou no lenço que trazem na cabeça.

DESPACHO DÁ MOTIVOS PARA BEBER



Mais uma razão para se ir à tasca!

Ah, nada como um despacho em Diário da República para nos aquecer a alma… e a garganta. O Governo decidiu que a mesa portuguesa precisava de mais um pretexto legal para levantar o copo e instituiu oficialmente o Dia Nacional da Vinha e do Vinho, a celebrar anualmente no dia 31 de Julho. Porque, convenhamos, o que faltava mesmo a um país que produziu 595 milhões de litros de vinho em 2025 era a devida bênção governamental para poder molhar a palavra! Segundo a prosa inspirada do diploma assinado pelo ministro da Agricultura e Mar, José Manuel Fernandes, o elixir das uvas não é uma mera bebida: é um verdadeiro "pilar simbólico da mesa portuguesa, com dimensão social, económica, cultural, religiosa, ambiental e paisagística". Faltou apenas referir a dimensão terapêutica de quem precisa de ler legislação ao fim-de-semana. O despacho elogia ainda a "ritualização que atravessa a história das comunidades" - uma forma extraordinariamente requintada e lírica de descrever a ancestral arte de ir à tasca petiscar e desabafar sobre o estado da nação. E por que razão se fixou a efeméride no pico de calor, a 31 de Julho? Será porque (a pinga) entra Agosto… Não, celebra-se a data em que, em 1986, o Conselho de Ministros deu à luz o Instituto da Vinha e do Vinho (IVV). Afinal, o que poderia ser mais poético e romântico para celebrar a néctar dos deuses do que a certidão de nascimento de um organismo público? Se a burocracia por vezes nos dá ressacas, resta-nos agradecer ao executivo por nos dar, pelo menos, um motivo oficial para brindar de copo cheio!

OLHA O SATÉLITE!



As contas apontam para 1,7 milhões de satélites no céu…

Finalmente, aqueles cientistas aborrecidos vão deixar de nos maçar com a história do "olhar para a imensidão do Universo", graças à generosidade de iluminados tecnológicos que planeiam espalhar mais de 1,7 milhões de satélites no céu, porque, assim, a contemplação das estrelas está prestes a tornar-se uma comodidade tão antiquada como a fita VHS. Por que razão deveríamos importar-nos com galáxias distantes, planetas parecidos com a Terra ou asteroides potencialmente destrutivos a caminho do nosso umbigo, quando podemos olhar para cima e ver um brilhante out-door publicitário da SpaceX ou da Reflect Orbital? Aliás, a ideia da Reflect Orbital de mandar 50 mil espelhos gigantes para o espaço para nos encandear à noite com feixes quatro vezes mais brilhantes que a Lua cheia é pura poesia moderna. Para quê ter noite, não é verdade? Os nossos relógios biológicos e os ecossistemas que se adaptem - o progresso exige que o sol brilhe às três da manhã. A partir de agora, quem vive numa cidade poluída não precisa de chorar por não ver a Via Láctea: terá centenas de satélites novinhos em folha a fazerem de "estrelas" artificiais. E a melhor parte vem no fim de vida destas engenhocas, quando reentram na atmosfera e queimam, garantindo que a poluição do ar e os lançamentos constantes nos tragam aquele cheirinho a futuro. A astronomia moderna que se desengane com as suas simulações chatas: para quê estudar o cosmos profundo se podemos transformar o céu nocturno num parque de diversões espacial para bilionários? É o triunfo final do ego humano: apagamos o Universo para vermos o nosso próprio reflexo a brilhar no escuro.

UMA GERAÇÃO DE PESO

Segundo o módulo infantil do Inquérito Nacional de Saúde, quase quatro em cada dez crianças portuguesas (um modesto e elegante número de 40%) ostentam excesso de peso ou obesidade. Num admirável e louvável esforço de modernização gastronómica, 44,7% dos nossos jovens dos 6 aos 14 anos rendem-se com devoção militar aos encantos de refeições rápidas, ultraprocessados e refrigerantes açucarados. Há até 81 mil pequenos patriotas a beber refrigerantes açucarados todos os santos dias e 49 mil a alimentar-se de nuggets e batatas fritas →

FICHA TÉCNICA
EDIÇÃO COIMBRA
www.campeaoprovincias.pt

Telefone 239 497 750 | **E-mail** campeaojornal@gmail.com
Editor/Propriedade REGIVOZ, Empresa de Comunicação, Lda. **NIPC** 504 753 711
Sede Editor/Redacção Rua Adriano Lucas, 216 Az. D - Eiras 3020-430 Coimbra
Director Lino Vinhal (CP 77)
Editor Executivo Luís Santos (responsável executivo por esta edição)
Redacção Lino Vinhal (CP 77), Luís Santos (CP 345), Joana Alvim (CP 7607) e Cristiana Dias (CP 8248)
Director Comercial Carlos Gaspar
Directora de Marketing e Publicidade Adelaide Pinto 239 497 750 jornalcp.adelaidepinto@gmail.com

Design e Paginação Campeão das Províncias
Impressão FIG - Indústrias Gráficas, S.A.; Rua Adriano Lucas, 3020-430 Coimbra
Distribuição VASP - Sociedade de Transportes e Distribuição, Lda. R. da Tascoa, n.º 16 - 4.º Piso, 2745-003 Queluz Telef. 214 398 500, Fax: 214 302 499
Registo SRIP sob o n.º 222567; ISSN: 1645 - 2968; N.º ERC: 122568 | **Depósito Legal** n.º 127443/98
Preço de cada número 1€ | **Assinatura anual** 40,00€ | **Tiragem média** 9.000 exemplares
LEI DA TRANSPARÊNCIA – Propriedade Regivoz, Empresa de Comunicação, Lda**. Capital Social** 5.000,00 euros.
Participações no capital Maria de Fátima Rodrigues Viegas Vinhal - 2.500 euros (50%); Lino Augusto Vinhal - 2.500 euros (50%).
Gerência Lino Augusto Vinhal
Estatuto Editorial em www.campeaoprovincias.pt

MEMBRO DA APIMPRENSA ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA NÃO-DIÁRIA

Os pagamentos para o Campeão das Províncias em cheque devem ser emitidos em nome de "Regivoz, Empresa de Comunicação, Lda.". Também podem ser feitos por transferência bancária através do NIB: 001000003179749000225

A ministra da Cultura, Juventude e Desporto assumiu-se como feminista quando questionada sobre o movimento Mulheres Conservadoras de Portugal, respondendo que "continuam a faltar feministas mais activas" enquanto existirem mulheres a ganhar menos que os homens. Margarida Balseiro Lopes foi uma das oradoras na Universidade de Verão do PSD, a par da eurodeputada Lídia Pereira e da deputada Ana Gabriela Cabilhas.

VINAGRETAS

numa base estritamente diária. A tradicional sopa de legumes da avó, que tanto trabalho dava a descascar e cozer, foi felizmente substituída pela fluidez e praticidade de uma palhinha num copo de cola com gelo. A isto chama-se progresso sócio-cultural. E não sejamos injustos nem ingratos com as estatísticas: 68,6% das crianças ainda comem fruta diariamente!



Quase quatro em cada dez crianças portuguesas (40%) ostentam excesso de peso ou obesidade

Provavelmente como sobremesa a acompanhar o hambúrguer duplo com queijo e molho especial, provando que o equilíbrio nutricional é uma prioridade absoluta nas cozinhas nacionais. A distribuição geográfica desta opulência é igualmente fascinante: a Região Autónoma dos Açores lidera com orgulho o pódio do peso avantajado (42,3%), seguida de perto pelo Norte (40,5%) e pela Madeira (40,3%). As crianças da região Centro estão nos 35,5%, mas já na Grande Lisboa (31,3%) e na Península de Setúbal (31,2%), o ritmo alucinante da vida urbana, os preços da habitação e as caminhadas forçadas para apanhar transportes públicos em atraso parecem ter um efeito milagrosamente emagrecedor. Mas o dado verdadeiramente divinal de todo o estudo do INE é a extraordinária capacidade de optimismo dos encarregados de educação: 92,3% dos pais declaram que o estado de saúde dos seus filhos é "bom ou muito bom". Divinal! Quase metade da população infantil vive à base de batatas pré-fritas em óleos misteriosos e gorduras saturadas, mais de uma em cada três carrega quilos a mais na mochila da vida, quase metade faltou à escola por doença no último trimestre, mas para os pais está tudo "excelente"! Se isto não é fé inabalável e amor incondicional, não sabemos o que será. A infância portuguesa vai de vento em poupa e, a julgar pela balança, bem pesada.

ESTADO SOCIAL: PRIVILÉGIO MAS SÓ PARA ALGUNS



nos mercados de capitais. Serve este exemplo para comparar com Portugal, onde o sistema de pensões funciona, claro, com um "dá cá" e depois, daqui a 40 anos, veremos qual será o "toma lá". A literacia financeira e fiscal é um dos pontos mais importantes da vida de uma pessoa e das suas famílias. Portugal está longe faz médias europeias nesta matéria, e grande parte da população demonstra muitas dificuldades em conceitos básicos. Os cálculos da reforma é um deles. A juntar a isso, num país onde a média salarial é baixa, comparada com outros na Europa, o Estado que devia ser social, pouco ou nada faz para garantir um futuro (mais) digno aos seus cidadãos. O caso alemão, tal como os países do norte da Europa, que deviam ser modelo e copiados (mesmo que com outras nuances e limitações) parecem continuar apenas a servir mas…de "ouvidos de mercador". É por isso que não saímos da cepa torta!

PRR NA RECTA FINAL, O QUE FICA?

O ministro da Economia e da Coesão Territorial, Manuel Castro Almeida, anunciou este mês de Agosto o chamado 'overbooking', que visa salvar o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), cuja execução termina daqui a quatro dias, a 31 de Agosto. O recurso ao 'overbooking' é muito usado na gestão de fundos europeus. Significa isto que o número de projectos em desenvolvimento durante o período de vigência do plano foi superior ao acordado com Bruxelas, podendo haver ajustes. É também por isto que o Governo acha que o PRR será cumprido a 100%. Porém, a verdade é que temos visto nos últimos tempos muitas críticas e preocupações, entre elas, de muitos municípios. Há dois meses, por exemplo, a Associação Nacional de Municípios garantia que havia câmaras a serem a notificadas para devolverem verbas usadas para obras que não estariam concluídas até Agosto. Entretanto, vieram as férias e as paragens e constrangimentos que já conhecemos nos meses de Julho e Agosto. A chamada 'bazuca europeia', decorrente da ajuda europeia pós-Covid-19, está agora no seu ponto mais crítico. Sendo uma oportunidade histórica para transformar Portugal, com investimentos que visam fortalecer os serviços públicos, impulsionar a economia e colocar as pessoas no centro das decisões, não sabemos, por ora, como terminará. O desfecho ainda demorará mas, na recta final, terá a ajuda europeia sido mesmo aproveitada por Portugal ou, à semelhança do passado, perdemos (mais) uma oportunidade de crescer, económica e socialmente?

REDES SOCIAIS: 'TRENDS', POV OU 'REELS', QUEM DÁ MAIS?

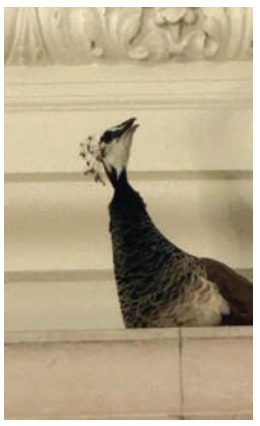
'Trends' (tendências). 'Point of View (POV) - Ponto de Vista'. Vídeos mais longos ou 'reels' (mais curtos). Assim se revelam as redes sociais em qualquer tema, mas no Verão é preciso aprimorar. Hoje já não basta viver a vida no anonimato, é preciso filmá-la, quase como uma obrigatoriedade, porque se não ficar gravado, parece que não aconteceu. Milhões de pessoas repetem-se, numa espécie de imensa procissão digital, onde o algoritmo comanda e dita as regras. O problema não está nos vídeos, nas fotografias ou nos 'reels', mas sim na transformação da vida humana numa montra. É como se tivéssemos deixado de perguntar "estou a viver?" para começar a perguntar "isto dá um bom post?". Tudo parece perfeito, mas tudo também ensaiado, apenas e só para registar o momento para a linha efémera e digital. A questão que se coloca é: até onde são estas vidas reais e onde começa e acaba a verdade da realidade criada para o tal algoritmo esfomeado? Talvez a grande revolução digital das redes precise ser reformulada e voltarmos ao que sempre fomos: vivermos em silêncio, sem 'trends', sem POV, sem 'reels' e, sobretudo, sem precisar de aplausos que mais não são que uma validação que nunca, mas mesmo nunca, precisámos. Porque nesse dia, tal como nos outros todos, a realidade está ali, ao virar da esquina, e essa, que não vemos (ou fingimos não ver ou mostrar), é a mais certa. Seja neste novo mundo ou no anterior, porque no fundo, eles são a mesma coisa.

MÁ QUALIDADE DS NOSSA DEMOCRACIA É CONSEQUÊNCIA DA MÁ QUALIDADE DOS PARTIDOS POLÍTICOS QUE TEMOS

Numa sua intervenção televisa muito recente ouvimos Pacheco Pereira dizer que é do conhecimento público ser detentor de um dos melhores espólios do pensamento e da actividade política de Sá Carneiro, quer quando no Poder quer quando na Oposição. Terá sido a partir desta vasta documentação que averiguou a forma característica como Sá Carneiro, quando no Governo, se organizava para tomar decisões: constituía equipas variadas com competência comprovada nesta ou naquela área, a quem pedia ajuda para o aconselhar na tomada das decisões, sobretudo as mais importantes. Essas equipas eram formadas, sempre que possível mas não exclusivamente, por elementos pertencentes à AD, ou com ela confinantes, por forma a respeitar a doutrina e as medidas com que tinha ganhado as eleições. Pacheco Pereira considera que hoje líder nenhum recorre a este método, sendo essa umas da razões da má qualidade da democracia que se vive em Portugal, consequência da baixa qualidade dos partidos políticos. As figuras mais destacadas, mais capazes neste ou naquele assunto, foram-se afastando da militância partidária, pelo que os líderes políticos têm dificuldade no de em encontrar no seu espaço partidário gente capaz para lhes dar a mão em termos de pensamento político, propostas e orientações de governação, vendo-se obrigados a recorrer a "mão de obra" que nem sempre reúne condições para poder ajudar. Interessante como a realidade tão claramente tem vindo a confirmar esta achega de Pacheco Pereira…

É SÓ PAVÕES!

Surpreendeu os que estavam no edifício e, mais tarde, os que viram a notícia nas redes sociais: um pavão decidiu desfilar a sua vaidade nas instalações da Assembleia da República (AR), num momento insólito e que se tornou viral na internet. A imagem do animal, - que parecia atento ao que ali se passava -, foi partilhada pela deputada do Partido Socialista (PS), Eurídice Pereira, que não resistiu a fazer um trocadilho entre a presença da ave naquele local e o ambiente parlamentar.



Pavão faz "visita" à Assembleia da República

"Garanto-vos que não é o único pavão a instalar-se na Assembleia da República. Só que este não se arma, é mesmo", escreveu, referindo-se aos restantes (ou, pelo menos, a alguns) deputados. Não faltou quem concordasse com esta afirmação da socialista e sublinhasse, inclusive, que há quem ande apenas a pavonear-se pelo Parlamento. Bom, opiniões todos temos e é legítimo que nos questionemos sobre o que atraiu a ave para a AR: identificou-se com o ambiente? Ou é simplesmente a prova de que a política influencia tudo e todos? Nunca saberemos. No entanto, uma coisa é certa: que há por aí muitos pavões, isso há...

AGORA É QUE VÃO SER ELAS...

Muito se fala sobre a taxa de natalidade e o envelhecimento demográfico da população. Em França, por exemplo, a taxa de natalidade e o índice de fecundidade estão a atingir os valores mais baixos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 2025, nasceram cerca de 645 mil bebés, o que representa uma queda de 2,1% face ao ano anterior. Também nesse ano, e pela primeira vez, o número de mortes (cerca de 651 mil) superou o número de nascimentos no país. Tendo em conta estes dados, não é de espantar que haja por aí quem queira ver mais bebés a nascer. E, ao que parece, a todo o custo. Nos últimos meses, milhares de preservativos falsificados foram vendidos na internet e em farmácias de França. Os cálculos oficiais apontam para que tenham sido mais de 40 mil, no entanto, estes referem-se apenas aos que foram identificados. Isto porque a maior parte deles foram comprados online, onde o controlo é ainda mais difícil. Os preservativos falsos foram distribuídos por empresas que operam a partir do continente asiático, mas também por farmácias francesas, e imitavam marcas conhecidas do público. O problema disto tudo? Se são falsos... trazem uma falsa protecção e não só! Tornam-se também perigosos para o bem-estar de quem os usa. As autoridades de saúde francesas alertam para as "gravidezes não desejadas" e para o o facto de "sair muito caro para a saúde" adquirir este método contraceptivo em sites que não dão garantias. Além disso, sublinham que os únicos produtos seguros são os que apresentam a marca da União Europeia na embalagem. Vamos esperar que, de repente, a taxa de natalidade no país não atinja o clímax.



Milhares de preservativos falsificados foram vendidos em França nos últimos meses

01319 5 603199 003989

MAIS COMPETÊNCIAS NAS FARMÁCIAS PODEM ALIVIAR PRESSÃO NO SNS

JOANA ALVIM

Os farmacêuticos estão preparados para assumir maiores responsabilidades na prestação de cuidados de saúde e contribuir para aliviar a pressão sobre o Serviço Nacional de Saúde (SNS). A posição foi defendida por Lúcia Santos, presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Farmacêuticos, numa Entrevista conduzida por Carlos Gaspar, na Rádio Regional do Centro.

Perante a escassez de médicos, o envelhecimento da população e o aumento das doenças crónicas, Lúcia Santos considera que as competências destes profissionais continuam a ser insuficientemente aproveitadas. A proximidade das farmácias e a preparação técnica dos farmacêuticos poderiam garantir uma resposta mais rápida em situações clínicas ligeiras, libertando os médicos para os casos de maior complexidade.

"Mais do que estar preparado, o sistema de saúde necessita da intervenção de outros profissionais", afirmou. Esta ampliação de competências não significa, porém, ocupar funções médicas. "Não queremos roubar o lugar a ninguém, nem fazer diagnósticos ou actos médicos".

A intervenção seria realizada com base em protocolos definidos em articulação com os médicos, estabelecendo os critérios de actuação e os sinais que exigem o encaminhamento do doente. Para a responsável, este modelo beneficiaria todo o sistema. "Temos listas de espera em patologias gravíssimas, nomeadamente na área oncológica, enquanto há situações que poderiam ser resolvidas a montante".

A proximidade das farmácias assume especial importância no Interior, onde vários serviços públicos desapareceram. "Quando o centro de saúde fechou, o hospital está a 200 quilómetros e até o posto dos CTT já desapareceu, a farmácia continua lá", salientou.

Nestes territórios, a farmácia é muitas vezes um dos poucos pontos de apoio disponíveis para populações envelhecidas e isoladas. "É uma alavanca de apoio às pessoas e o papel dos farmacêuticos que se mantêm resilientes a cobrir estes territórios é fundamental".

Embora reconheça que encontrar profissionais é um desafio, Lúcia Santos não identifica diferenças significativas entre o litoral e o Interior. A rede continua distribuída pelo país, sendo obrigatória a presença de, pelo menos, dois farmacêuticos em cada farmácia.

Prevenção como resposta para o SNS

A prevenção da doença é uma das áreas em que os farmacêuticos podem ter uma intervenção mais relevante. Na opinião da presidente da Secção Regional do Centro, a pressão financeira e assistencial sobre o SNS não será resolvida apenas através do tratamento de um número crescente de doentes.

Enquanto a consulta médica é habitualmente procurada quando já existe um problema, a passagem pela farmácia pode proporcionar uma conversa sobre alimentação, actividade física e outros hábitos. "Uma pessoa pode entrar para comprar um protector solar e aproveitar para receber orientações técnicas que lhe permitam prevenir doenças", exemplificou.

A falta de medicamentos foi outra das preocupações abordadas na Entrevista. Embora o problema seja sentido em Portugal, tem dimensão europeia e está relacionado com a dependência de matérias-primas e fármacos produzidos em países terceiros.

As rupturas podem atingir medicamentos essenciais, incluindo produtos oncológicos, cardiovasculares e insulinas. Além das dificuldades criadas aos doentes, obrigam as farmácias a investir várias horas na procura de alternativas.

A resposta, defende, não pode ficar limitada à resolução pontual de cada falha. É necessária uma estratégia europeia que torne as cadeias de abastecimento mais resistentes. "Há medicamentos críticos que têm de ser produzidos na Europa", afirmou, alertando para os riscos decorrentes da instabilidade geopolítica.

A automedicação, o consumo indiscriminado de suplementos e a divulgação de soluções "milagrosas" nas redes sociais e na televisão mereceram também um alerta. Um medicamento adequado para uma pessoa pode ser prejudicial para outra, devido ao seu estado de saúde ou a possíveis interacções.

"Lúcia Santos chamou ainda a atenção para a utilização de medicamentos destinados à diabetes com o objectivo de perder peso. Além de dificultar o acesso dos doentes que deles necessitam, esta procura alimenta circuitos informais.

Profissão vai além da dispensa de medicamentos

Na conversa com Carlos Gaspar, Lúcia Santos dirigiu-se também aos jovens que se preparam para ingressar no ensino superior, garantindo que as Ciências Farmacêuticas continuam a oferecer boas perspectivas. Além das farmácias comunitária e hospitalar, existem saídas nas análises clínicas, indústria, investigação e áreas especializadas, incluindo a investigação criminal.

PUBLICIDADE



FICABEIRA ABRE ESPAÇO À PARTICIPAÇÃO DE 30 JOVENS

Arganil prepara-se para receber, entre 4 e 8 de Setembro, a 43.ª edição da FICABEIRA – Feira Industrial, Comercial e Agrícola da Beira Serra, que volta a realizar-se em simultâneo com a tradicional Feira do Mont'Alto. Durante cinco dias, o certame reúne empresas, comerciantes, produtores, artesãos, instituições e associações, assumindo-se como uma das maiores montras da actividade económica e social da região.



A FICABEIRA volta a mostrar o dinamismo económico e social da Beira Serra, envolvendo este ano 30 jovens na organização do certame

Profundamente ligada à identidade do concelho, a FICABEIRA promove os produtos, serviços e recursos da Beira Serra, ao mesmo tempo que cria oportunidades de contacto e partilha entre empresários, profissionais e visitantes. A exposição empresarial e agrícola será acompanhada por espaços dedicados à gastronomia, artesanato, cultura e movimento associativo.

A programação volta a cruzar a componente económica com a animação popular e os grandes concertos. Dillaz actua na noite de abertura, seguindo-se Miguel Araújo, a 5 de Setembro, e os Vizinhos, no dia 6. O cartaz procura chegar a diferentes gerações e atrair milhares de visitantes ao recinto ao longo dos cinco dias.

Nesta edição, a organização vai também proporcionar uma experiência profissional a 30 jovens. Os participantes serão envolvidos no funcionamento da feira e colaborarão em diferentes tarefas, conhecendo por dentro a preparação e realização de um evento desta dimensão.

A iniciativa procura aproximar os mais novos do mercado de trabalho, permitindo-lhes desenvolver competências como responsabilidade, autonomia, comunicação e trabalho em equipa. A presença dos jovens reforça ainda a ligação das novas gerações à FICABEIRA, um certame que há mais de quatro décadas acompanha e divulga o dinamismo de Arganil e da Beira Serra.